

# PÁGINA 22

INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO



NÚMERO 28  
MARÇO 2009  
R\$ 15,00



## Indivíduo

### Onde começa o equilíbrio do mundo

**Entrevista:** a escola de negócios contra a crise de pensamento

**Ambiente e saúde:** a cidade que habita você

**Crianças e natureza:** fascínio e distanciamento

**Escambo:** mais do que econômica, uma relação social

**Do-it-yourself:** produtor e consumidor juntos

A NOITE RENOVA O SONHO.  
O SONHO RENOVA A IMAGINAÇÃO.  
A IMAGINAÇÃO RENOVA A HUMANIDADE.

O bem-estar individual é fundamental para a harmonia e o desenvolvimento coletivo. A renovação de recursos valiosos, como talento, criatividade e capacidade de trabalho, depende do sono. Na Natura, a preocupação com o bem-estar orienta não só as relações com as pessoas, mas também com a comunidade e o meio ambiente. A nova linha Natura Tododia Todanoite foi criada segundo essa visão. Cremes e sabonetes hidratantes especiais para uso noturno, produzidos a partir de ativos que ajudam a relaxar e a dormir melhor. A prosperidade da humanidade depende do perfeito equilíbrio da cadeia produtiva. E começa com uma boa noite de sono.



## O “eu” na fita

**A**lguns meses atrás, um artigo de Jerome Lewis, antropólogo da University College of London, foi publicado na revista *Radical Anthropology* sobre suas pesquisas com povos da África Central – pigmeus que sobrevivem da floresta por meio da coleta, da caça e sobretudo da divisão equânime de tudo o que obtêm, dentro de uma gestão política marcada pela busca do consenso.

O provérbio pigmeu “Eu adoro a floresta como adoro meu corpo” contrasta com a profunda cisão que o pensamento moderno, ocidental e capitalista abriu entre homem e ambiente, sujeito e objeto.

Enquanto aqueles povos, inteiramente enredados no meio em que vivem, aprendem a gerir a abundância dos recursos naturais, nossa civilização ocidental construiu um sistema mercadológico com base na raridade e na escassez – e na competição por esses bens.

Esta edição busca a ideia de sustentabilidade onde ela começa: em cada um de nós. Mergulha no indivíduo para perscrutar de que caldo cultural, psicológico, histórico, antropológico e econômico ele se formou ao longo do tempo e, valendo-se disso, entender como molda o que está em seu redor. Hoje, estamos presos a círculo vicioso em que resultamos de uma crise socioambiental que nós mesmos alimentamos.

“Talvez tenhamos de pensar em um mundo de competição solidária”, diz Ernildo Stein, um dos mais importantes filósofos no Brasil. “Nela se articulariam a necessidade de autoafirmação e a vontade própria com o reconhecimento e a afirmação do outro.”

Uma ideia-chave para isso estaria na liberdade humana – nas palavras do filósofo, a melhor ferramenta para que os seres vivam de forma cooperativa. Liberdade essa necessária para criar espaços de reflexão capazes de romper o círculo vicioso. PÁGINA22 coloca-se como um desses espaços.

Boa leitura

# PÁGINA22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS  
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

**FGV**  
GVces  
Centro de Estudos em  
Sustentabilidade da EAESP

COORDENADOR Mario Monzoni  
COORDENADORA-ADJUNTA Rachel Biderman

EDITORAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini  
REPÓRTER Carolina Derivi  
EDIÇÃO DE ARTE  
Marco Cançado, Dora Dias (Banana Biônica Design)  
EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi  
ILUSTRAÇÃO Janaina Tokitaka  
REVISÃO José Genuíno Moura Ribeiro  
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo  
RELAÇÕES PÚBLICAS Jaqueline Santiago  
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Ana Cristina D'Angelo, Daniela Gomes  
Pinto, Edson Luciano, Flavia Pardini, Ignacy Sachs  
ENSAIO FOTOGRÁFICO Cao Guimarães  
JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Amália Safatle (MTb 22.790)  
MARKETING E PUBLICIDADE  
SÃO PAULO: Bernardo Leschziner (11) 8926-1415  
e Monica Carboni (11) 8104-1632  
RIO: Ricardo Lutrigardes (21) 9217-3931  
BRASÍLIA: Charles Marar Filho (61) 3321-0305  
MINAS GERAIS: Alvaro Rocha e Rosina Bernardes (31) 3261-3854  
PORTO ALEGRE: Roberto Gianoni (51) 3388-7712  
NORTE/NE: Luciano Moura (81) 3466-1308  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Alameda Itu, 513 - CEP 01421-000 - São Paulo - SP  
(11) 3284-0754 / redacao@pagina22.com.br

**REPARTES CORPORATIVOS**  
(11) 3284-0754 - www.pagina22.com.br  
contato@pagina22.com.br

IMPRESSÃO Posigraf  
DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição  
NÚMEROS AVULSOS  
(11) 3284-0754

CONSELHO EDITORIAL  
Aron Belinky, Gladis Ribeiro, José Carlos Barbieri, José Eli da Veiga,  
Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi, Ricardo Guimarães,  
Roberto Waack, Tarcila Reis Ursini

Os artigos, ensaios, análises e reportagens assinadas expressam a  
opinião de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto  
de vista das organizações parceiras e do GVces.  
É necessária a autorização dos editores, por escrito, para reprodução  
do todo ou parte do conteúdo desta publicação.

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.000 exemplares

**FSC**  
Fontes Mistas  
Grupo de produtos proveniente de florestas  
bem manejadas e fontes controladas  
www.fsc.org Cert no. SW-COC-002841  
© 1996 Forest Stewardship Council

A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE  
DE REFLORAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS  
PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS



Notas	<b>6</b>	
Entrevista	<b>10</b>	Humberto Mariotti discute a evolução do pensamento: do linear e individualista para o complexo e interdependente
Capa	<b>16</b>	As contradições sociais são as mesmas que estão presentes no indivíduo. Equilibrar uma escala é fortalecer a outra
Ambiente urbano I	<b>22</b>	O ritmo e o ambiente das grandes metrópoles também moram nas pessoas e afetam a saúde e o comportamento
Ambiente urbano II	<b>27</b>	A implantação estratégica de parques e pomares busca reverter o domínio do cinza urbano e atrair novas espécies de aves
Coluna	<b>30</b>	
Retrato	<b>32</b>	As gambiarras lembram como é possível interferir no cotidiano e se virar com pouco
Trocas	<b>38</b>	Na falta do dinheiro formal ou no excesso de bens, o escambo germina como opção solidária
Radar	<b>43</b>	O fenômeno do "faça você mesmo" reata a conexão com o mundo real e com habilidades esquecidas na era do consumo
Perfis	<b>44</b>	Quem acerta os relógios da cidade? E quem ajuda possíveis suicidas? Descubra os anônimos essenciais
Análise	<b>48</b>	
Última	<b>50</b>	

# 38



[COPA DO MUNDO]

## Menos é mais

Grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, são marcados por milionárias arenas extravagantes, certo? Não se depender do arquiteto Vicente de Castro Mello. Seu escritório, especializado em instalações esportivas, quer estabelecer um novo padrão para os estádios brasileiros na Copa do Mundo em 2014.

“Arenas como o Ninho de Pássaro, na China, são bonitas, mas demandam uma infinidade de recursos naturais. A nossa intenção é lançar um padrão de beleza marcado pela simplicidade e pela funcionalidade”, diz Mello. Além de rascunhar o projeto de reforma do Maracanã, no Rio de Janeiro, o arquiteto já está escalado para construir os novos estádios de Cuiabá e Brasília – caso as cidades sejam escolhidas para sediar

partidas. A Fifa anuncia o resultado final em 20 de março.

O novo paradigma é batizado por ele de “ecoarenas”. Segundo Mello, até hoje os estádios do mundo comportaram apenas medidas pontuais voltadas para a sustentabilidade ambiental. Uma cisterna aqui, um painel de captação de energia solar acolá. O arquiteto promete incluir critérios socioambientais em todas as suas decisões, da concepção às escolhas de materiais, da geração de energia às instalações de ventilação, passando também pela mão-de-obra.

O principal projeto de Mello, ainda em estágio embrionário, vai muito além das arenas. O site [www.copaverde.com.br](http://www.copaverde.com.br), no formato de plataforma de relacionamentos, convida os internautas a trocar informações e a iniciar uma campanha para que todas as obras de infraestrutura voltadas para 2014 obedeçam aos melhores padrões de sustentabilidade. Por Carolina Derivi

[RIO 2016]

## Fique de olho

Na última vez que o governo prometeu a despoluição da Baía de Guanabara, os competidores dos Jogos Pan-Americanos, em 2007, ficaram a ver navios – e sujeira. Em protesto pelo não-cumprimento da promessa, atletas liderados pelo iatista Maurício Souza Cruz colocaram seus catamarãs na água e procederam eles mesmos à retirada de lixo flutuante.

O dossiê de candidatura do Rio de Janeiro a sede das Olimpíadas de 2016, apresentado em 13 de fevereiro, reedita o mesmo plano. Entretanto, os US\$ 4 bilhões necessários não estão incluídos no orçamento dos Jogos. A cifra é apresentada no documento como “garantida” pela parceria entre os três níveis de governo, e promete atingir mais de 80% de coleta de esgoto na Baía de Guanabara até 2016.

O custo total dos jogos é de US\$ 14,4 bilhões, dos quais apenas US\$ 692 milhões deverão vir do setor privado. O orçamento do Rio é mais caro que os de todas as outras cidades candidatas – Madri, Tóquio, Chicago – somados. (CD)

[DESIGN]

## Carros, graça e leveza

Que as metrópoles contemporâneas são projetadas em função do trânsito de veículos, ninguém duvida. Também é sabido que a crise de mobilidade inspira medidas para restringir ou desestimular o uso do carro no espaço urbano. Mas e se houvesse uma via do meio? E se o ponto de partida não fosse a cidade, propícia ou hostil para os carros, mas o carro adaptado à melhor distribuição do espaço na cidade?

É o que propõe a “organização de arquitetura filantrópica” Terreform 1, um



grupo de arquitetos nova-iorquinos visionários que compartilham, na internet, projetos de design voltados para as cidades do futuro. Os materiais que formam o corpo do carro correspondem a cerca de 44% da massa total do veículo. Carros menores e mais leves ocupam menos espaço e consomem menos combustível.

A receita do Terreform 1 envolve apetrechos como uma bexiga de ar pneumática, que reduz o peso do automóvel. Um sistema mecânico autônomo nas rodas, cada uma com seu próprio motor elétrico, torna possível livrar-se dos trambolhos de combustão e substituí-los por softwares. O corpo do automóvel pode então receber materiais mais leves, como neoprene. O resultado é algo próximo do carrinho apelidado de Slip City.

Esses e outros projetos de automóveis,

prédios e praças podem ser encontrados no site [www.terreform.org](http://www.terreform.org). Vale o clique. (CD)

[LIXO]

## Máicon e o coco

Depois do derradeiro bloco de Carnaval na Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, Máicon revezava com outra centena de garis a limpeza das areias dos postos 9 e 10. “O lixo mais chato é o coco, porque tem muito e precisa ser pegado com a mão”. Eles arremessam um por um, até juntar vários no meio da areia, que, a esta altura, 8 da noite, já está esvaziada de gente e cheia de lixo. Mais tarde, chega um pequeno caminhão e recolhe os montes de coco para a caçamba, trabalho feito também manualmente. Máicon trabalha das 17h às 23h na Comlurb, empresa responsável pela limpeza da cidade. Só neste Carnaval foram 598,62 toneladas de resíduos

gerados durante os desfiles de escolas de samba e blocos.

Como Máicon, foram mobilizados outros 2.224 garis em regime de plantão. Além do rastro sólido, os foliões deixaram urina pelas esquinas onde passaram. Para acabar com o forte cheiro, a Comlurb utilizou uma solução de detergente com desinfetante. “Aí é mais fácil, porque a gente não encosta a mão”, diz Máicon.

Apesar dos mais de 300 contêineres que as praias da Zona Sul ganharam durante o Carnaval, o folião só ajuda a sujar, segundo o gari. O salário é ruim, mas a vantagem é que dá para ouvir samba durante o trabalho. De curiosidade, o dia campeão no lixo foi a segunda-feira no Sambódromo, quando se recolheram 91,21 toneladas de resíduos. Do total gerado durante o Carnaval, para as cooperativas de reciclagem seguiram apenas 7,5 toneladas. – por Ana Cristina D’Angelo





## REPORTAGEM DE PÁGINA 22 GANHA PRÊMIO ITAÚ DE FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

A reportagem *“As partes e o todo”*, de autoria de Flavia Pardini, publicada em maio de 2008 (edição 19), foi a vencedora na modalidade “Revista” do Prêmio Itaú de Finanças Sustentáveis. Publicada antes que a crise financeira mundial eclodisse, a matéria mostra como as finanças são uma peça fundamental na organização das sociedades e precisam integrar as soluções para a sustentabilidade.

Os trabalhos premiados nas categorias “Imprensa” e “Academia” foram, respectivamente, “Rendimentos politicamente corretos”, de Juliana Rangel, do jornal O Globo, e “Sustentabilidade nos bancos brasileiros: exame da divulgação do relacionamento entre iniciativas socioambientais e o desempenho financeiro corporativo”, de Daniel Wanjnberg, do Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração de Empresas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Finanças sustentáveis: perspectivas e desafios para as instituições financeiras”, de Tiago Schneider de Jesus, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), foi escolhido como o melhor texto acadêmico na modalidade “Pós-Graduação”.

O evento de premiação contou com a presença de John Elkington, fundador da consultoria inglesa SustainAbility.



### [ENERGIA]

## Inovação que vem de berço

Se a ciência puder auxiliar o Brasil a solucionar seus problemas sociais e ambientais, as respostas nem sempre virão das mentes mais graduadas. Desde 1981, o Prêmio Jovem Cientista revela novos talentos do ensino médio e da graduação e prova que todos os níveis da educação podem ser férteis para ideias inovadoras.

Em sua décima quarta edição, o prêmio distribuirá até R\$ 20 mil para estudantes e R\$ 30 mil para as instituições de ensino dos vencedores. O tema dos projetos deverá ser “Energia e Meio Ambiente – Soluções para o Futuro”. Podem se inscrever alunos do ensino médio, do ensino superior e graduados

com menos de 40 anos.

As inscrições podem ser efetuadas até 31 de julho, pelo site <http://www.jovencientista.cnpq.br/>, onde também se encontra o regulamento. A cerimônia de premiação é realizada com a presença do presidente da República e de autoridades governamentais da área de ciência e tecnologia. A iniciativa do prêmio é do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da siderúrgica Gerdau e da Fundação Roberto Marinho.

### [AMBIENTE MARINHO]

## Quando o campo encontra o mar

Cerca de 80% da poluição dos ambientes marinhos tem origem em

fontes terrestres. Os caminhos são os sistemas de esgoto, mas também os rios que deságuam no mar e que carregam pesticidas utilizados na agricultura.

A Embaixada dos Estados Unidos abriu um concurso para projetos que visem a redução das fontes terrestres de poluição marinha, com foco na atividade agrícola. O melhor projeto enviado até 31 de março receberá uma doação financeira de US\$ 75 mil.

A ideia vencedora será aplicada no estado de Mato Grosso, polo do agronegócio, e terão prioridade as propostas de redução do uso de fertilizantes ou substituição por pesticidas mais eficientes, de menor toxicidade. Os projetos devem ser apresentados em inglês. O regulamento e outras informações podem ser encontrados no site <http://www.embaixada-americana.org.br>.

### [CIÊNCIA]

## Chique é pensar adiante

A indústria da moda sempre esteve associada ao consumo desenfreado. Mudam as estações, mudam as roupas, em um processo contínuo de compra e descarte. Os fashionistas sabem disso e não é de espantar que algumas das soluções mais promissoras para o descarte de resíduos comecem a aparecer exatamente no mundo da moda.

Foi durante uma crise criativa desencadeada pela preocupação com o consumismo que a estilista e professora da London School of Fashion, Helen Storey, telefonou para o químico Tony Ryan, professor da Universidade de Sheffield, com uma proposta: seria possível desenvolver um tecido que se desintegrasse após o uso?

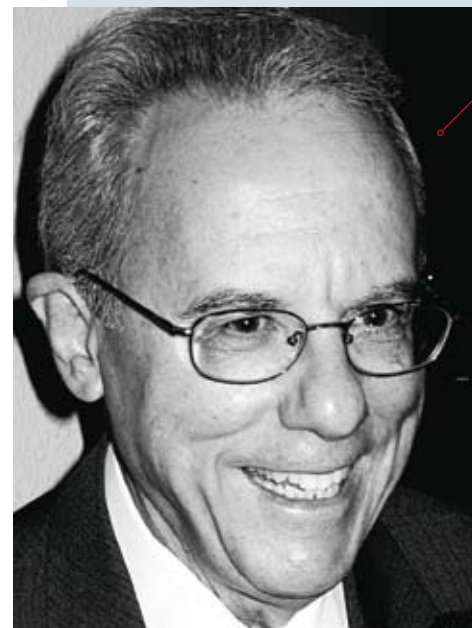
Juntos eles fundaram o projeto Wonderland, cuja primeira criação foram os *disappearing dresses*, feitos de um tipo de

plástico biodegradável, chamado tecnicamente de polímero, que se dissolve em contato com a água. É claro que os vestidos têm o inconveniente potencial de desaparecer debaixo de chuva, mas Helen diz em seu site que a criação tem valor simbólico, ao representar a efemeridade da moda e a questão do descarte de materiais.

Mas o Wonderland não parou por aí. A mesma tecnologia dos *disappearing dresses* foi aplicada por Ryan em protótipos de garrafas plásticas que, imersas em água, transformam-se em gel capaz de servir como adubo. Um presente da indústria da moda para revolucionar a indústria de embalagens. (CD)



### 3 FALA, LEITOR Histórias e ideias de quem lê PÁGINA 22



No final dos anos 60, o geólogo José Fernando Gambier já considerava a vida em São Paulo frenética demais. Foi então que aceitou a missão de ir a Goiás para solucionar um mistério de mais de 200 anos: por que o aquífero da região de Caldas Novas (GO) é quente? Descobriu que a água da chuva penetra o subsolo por um sistema chamado de fraturamento. A uma profundidade de 1.500 metros, a água atinge 50 graus e volta para a superfície, gerando as famosas termas.

Sua descoberta impediu também que se construísse um aeroporto na serra do município. Em lugar do aeroporto foi instalado o Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Mais de 30 anos depois, a cidade cresceu desordenadamente. A ocupação de áreas de preservação

permanente (APPs) pode contribuir para contaminação do lençol freático e a cidade ver ameaçado seu principal ganha-pão: o turismo gerado pelas águas quentes.

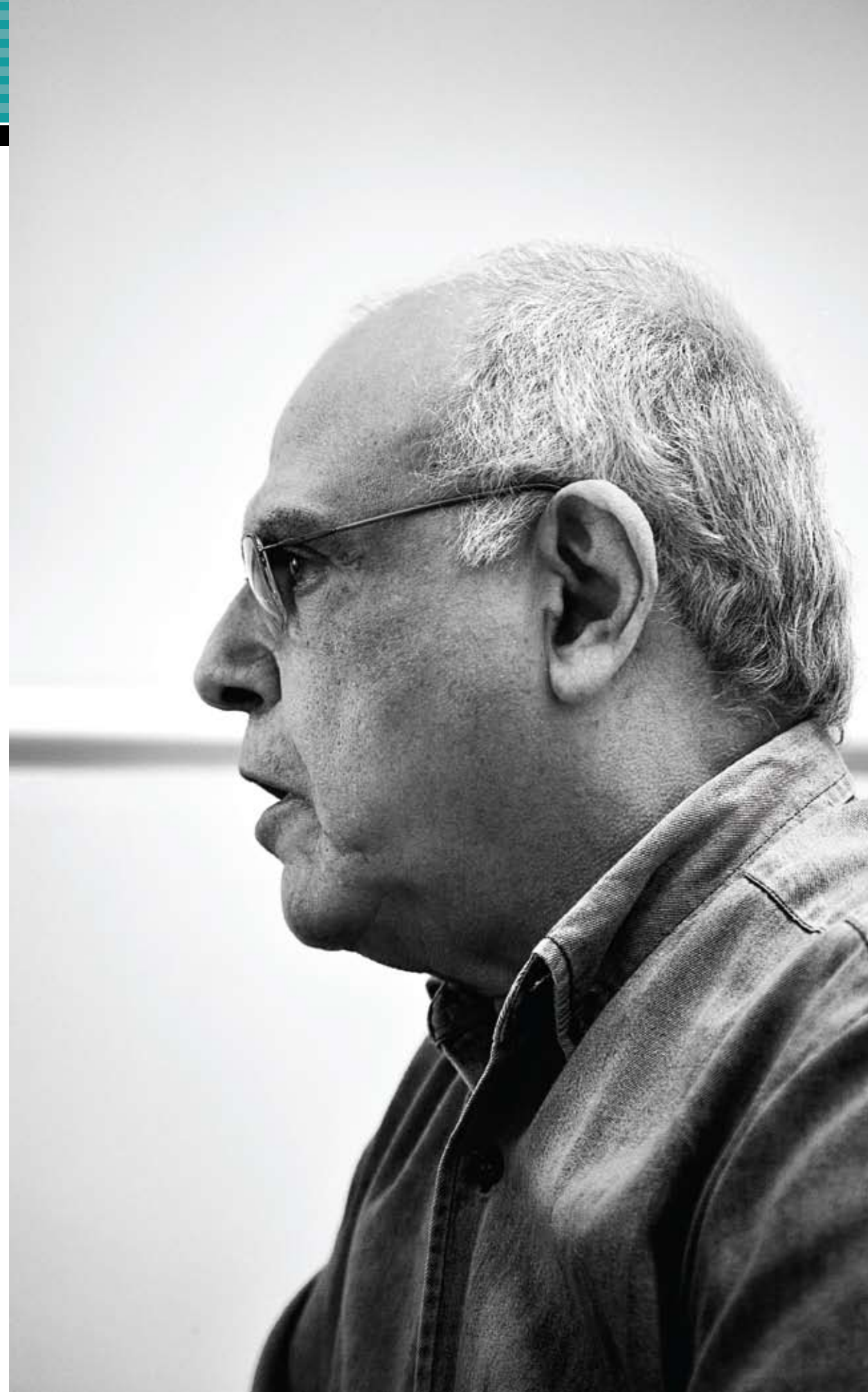
Gambier avalia o momento atual como “o nascedouro de um novo tempo numa cidade que não fez o que tinha que fazer, mas agora está a fim de retomar o caminho certo”. Sob sua influência, a Associação das Empresas Mineradoras das Águas Termais de Goiás (AMAT) e a prefeitura local vêm desenvolvendo um programa de recuperação de APPs. O geólogo participa ainda de uma bateria de estudos que devem avaliar a situação atual do aquífero. “Sei que essas mudanças levam tempo. Mas eu já fugi de uma cidade [São Paulo] uma vez, não posso fugir de novo”, diz Gambier. Caldas Novas agradece.

“SE VOCÊ DESEJA PARTICIPAR DESTA SEÇÃO, ESCREVA PARA [REDACAO@PAGINA22.COM.BR](mailto:REDACAO@PAGINA22.COM.BR) E CONTE UM POUCO SOBRE VOCÊ E SEUS PROJETOS. PARA SE COMUNICAR COM JOSÉ FERNANDO GAMBIEER, ESCREVA PARA [GEOCENTER@BRTURBO.COM.BR](mailto:GEOCENTER@BRTURBO.COM.BR)”

“**O** que tem a ver uma escola de negócios com um médico psiquiatra?”, questiona o próprio. Nada ou tudo, depende do pensamento à sua escolha. O psiquiatra e ensaísta Humberto Mariotti tornou-se diretor de pesquisa e publicações da São Paulo Business School (BSP), porque há mais de vinte anos estuda o pensamento complexo – corrente que emergiu no século XX para questionar a visão cartesiana que concebe o mundo em caixas separadas e independentes umas das outras, e tem o pensador francês Edgar Morin como grande expoente.

## Comunidade de destino

Para Mariotti, que aplica o ideário de Morin na escola de negócios, a crise financeira é também uma crise de pensamento, e a noção de sustentabilidade é fruto dessa evolução. No mesmo contexto do que ele chama de capitalismo predatório, emergiu a era do individualismo e da “gestão da desconfiança”. A grata surpresa é que do mesmo individualismo surge também a diversidade de ideias e a pulverização das lideranças. Graças a adventos como a internet, indivíduos em rede foram capazes de demonstrar que o mundo não é apenas linear, mas também sistêmico. Um lugar sem mais espaço para narrativas unilaterais. As decisões nascem de um sistema horizontal e coparticipativo – aquilo que Morin designa “comunidade de destino”. Bem-vindos ao mundo complexo.





**Considerando-se que o indivíduo é, em grande parte, fruto da interação social, é possível marcar uma linha que separa indivíduo e coletivo?** A Margaret Thatcher dizia que não existe sociedade, só existem indivíduos. Logicamente que isso é uma bobagem. Acho que os dois estão em constante interação. Por exemplo, as proibições, o que pode e o que não pode, nós levamos conosco aonde vamos. Quando a gente vai para outro país, leva a nossa cultura e precisa se acostumar, até adquirir novos códigos culturais. Acho que é uma relação circular. O indivíduo alimenta a sociedade com a sua presença e a sociedade alimenta a vida do indivíduo por meio dos seus códigos, seu hábitos, seus costumes.

**Para a construção da sustentabilidade global, é preciso que se contemple também o equilíbrio em escala individual, das relações interpessoais, do desenvolvimento humano?** Com certeza. O que se chama hoje de sustentabilidade não é nada mais, nada menos do que um grande conjunto de estratégias de sobrevivência que se tornaram extremamente urgentes, à medida que estamos destruindo nós mesmos e o planeta. Sustentabilidade é uma noção de perigo, é uma luz amarela. E isso começa com as relações individuais. Porque o mundo está dentro de você, o universo todo. Por meio da água, do ar, dos alimentos, dos elementos químicos que são a composição do nosso corpo. Se você não se relaciona bem com você mesmo, dificilmente vai se relacionar bem com os outros e, numa perspectiva maior, com a humanidade inteira.

**Muda-se a escala de análise, mas o princípio é o mesmo?** Sim. Tem uma frase muito importante dita por (*Mahatma*) Gandhi: “Nós devemos ser a mudança que queremos ver no mundo”. Esta mesma frase ele disse de outra forma, quando se referiu a liderança: “A liderança começa com a autoliderança”. Em termos educacionais, podemos dizer que o conhecimento, seja qual for, começa com o autoconhecimento – ou não começa.

**O que se entende por pensamento sistêmico?**

(*desenha uma linha horizontal no caderno*) Vamos dizer que essa linha é um objeto que você quer conhecer. Existem duas formas básicas para se conhecer qualquer coisa: a primeira é pegar essa linha e dividir em cinco pedaços. Aí você começa a estudar um pedaço, depois o outro, depois o outro, e assim por diante. Isso se chama de pensamento linear, ou método cartesiano. Toda a nossa educação é baseada nisso, e aqui está a raiz da grande maioria dos problemas que nós estamos vivendo hoje. Ao estudar um pedaço depois do outro, no fim, segundo (*René*) Descartes, o objetivo era fazer uma síntese. Quando você tem cinco pedaços, é relativamente fácil. Mas se se forem 50, ou 500, ou 5 mil? Quando chegar no último, tudo isso já terá mudado. Em 1940, pegaram-se esses mesmos pedacinhos e formaram-se com eles um sistema. Qual é a vantagem disso?

É que agora você vê a totalidade sem perder de vista as partes componentes e vê as partes componentes sem perder de vista a totalidade. Mais ainda, vê as articulações entre as partes, que produzem propriedades novas. São as chamadas propriedades emergentes. Quando se reúnem cinco pessoas para discutir um assunto, começam a aparecer idéias novas que uma pessoa só não teria. Isso significa que o que é produzido por um sistema, a soma das partes, é sempre maior do que o todo.

**A ideia da sustentabilidade é fruto disso?** É fruto disso. Mas está havendo um engano muito grande. Quando surgiu o pensamento sistêmico, surgiu logo a ideia de que o pensamento linear cartesiano estava superado e que, daquela época em diante, era necessário pensar em termos sistêmicos. Isso foi um engano fundamental, porque você não pode jogar fora milênios de conhecimento acumulado pelo método cartesiano. Ele foi necessário, é, e será necessário. Costumo dizer que, quando você abre a torneira, tem que sair água. As coisas precisam funcionar e você não vai resolver esse problema só pelo pensamento sistêmico. Você resolve pela engenharia de processos, pela sequência. Quando se tem contextos restritos, conhecimento sequencial e resultados imediatos, o pensamento linear é imbatível. Quando se tem conhecimento mais amplo, sai-se do operacional e se passa ao estratégico, o pensamento sistêmico é importante. Há uns 25 anos, surgiu um livro chamado *O Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra (*físico teórico austríaco, famoso por relacionar as leis da física moderna com as filosofias e pensamentos tradicionais*). Nesse livro, ele dizia que tinha chegado a vez do pensamento sistêmico. O ponto de mutação seria o abandono do modelo cartesiano e a passagem para o sistêmico. Isso cria uma distorção que até hoje existe. Na década de 1960, o professor Edgar Morin foi uma das primeiras pessoas a dizer que não pode ser tão simples assim. Não é pegar uma coisa e jogar fora e pegar outra.

**Na história da humanidade, o pensamento sistêmico é uma novidade ou uma retomada?** Uma retomada. O pensamento sistêmico surgiu no século VI antes de Cristo, no tempo dos pré-socráticos. Nessa época, criou-se o conceito de *physis*, que se interpreta erroneamente como “natureza”. *Physis* é o conjunto de tudo aquilo que existe e das relações entre tudo o que existe, é o mundo inteiro, é o universo. O pensamento sistêmico é uma retomada da *physis*. Edgar Morin disse: quando você tiver

de pensar de maneira linear, você deve pensar. Quando tiver de pensar de maneira sistêmica, você deve pensar. Estamos profundamente condicionados a pensar só de maneira linear, ainda hoje. Isso é um unilateralismo que conduz a resultados como essa crise que nós estamos vivendo, e as providências que estão sendo apresentadas são todas lineares. A crise não é só econômica, é de pensamento. Quando você tem, de um lado, o pensamento linear

e, de outro, o sistêmico, e você precisa trabalhar os dois, existe uma série de métodos e técnicas a cujo conjunto se dá o nome de pensamento complexo. A BSP (*Business School São Paulo*) é a primeira escola da América Latina a criar uma disciplina de pensamento complexo.

**Para discutir sustentabilidade, vale o pensamento sistêmico ou o complexo?** O complexo. Exemplo: você precisa de US\$ 785 bilhões para injetar na economia mundial. Essa providência pertence ao âmbito linear. Mas o que vai acontecer com isso? É preciso trabalhar o operacional e o estratégico e a qualquer momento você tem de estar preparado para pular de um lado para o outro. Uma pessoa só é capaz de fazer isso? Dificilmente. Você precisa de equipes de pessoas com a cabeça mais linear, que trabalhem com planilhas, com o operacional, e precisa de pessoas mais estrategistas e imaginativas. As duas são importantes. O desafio agora é uma maneira de colocar isso na prática, o que encontra grande resistência. Levamos anos para introduzir isso na escola. Alguns alunos dizem: “Mas por que você está falando disso? Isso é óbvio”. E outros dizem: “Não, não, isso não é óbvio, eu quero saber mais”. Existe um número de pessoas, que está entre 10% e 15%, que têm a cabeça integradora. Para elas, isso é intuitivo, não precisa explicar. Outras não aprendem de jeito nenhum, é a ponta cartesiana. E existem outros que aprendem.

**Isso é uma estatística?** É. De 10% a 15% da população americana – isso foi estudado lá. São as chamadas pessoas integradoras, têm o pensamento naturalmente assim. Mas isso é fácil de aprender. O difícil é chegar na empresa e no outro dia pôr em prática, porque as empresas trabalham no lado linear. Só que, nos últimos dez anos, cresce o número de empresas interessadas em fazer isso.

**Se o pensamento complexo é tão antigo, por que se perdeu?** Por causa de Platão, Sócrates e Aristóteles. A filosofia deles eliminou tudo isso e colocou a separação entre o sujeito e o objeto. Ou seja, o observador é separado daquilo que observa. E como Sócrates, Platão e Aristóteles foram filósofos fundamentais, e a nossa tradição é a grega, vivemos todos esses anos desse jeito. A emergência dos computadores pessoais e da internet veio mostrar que as interações dos mercados, das pessoas, dos seres vivos, não são lineares. As interações humanas são em rede, são sistêmicas. A atitude objetiva é possível. Mas, na realidade, estamos dentro do processo que observamos.

**Já foi dito que estamos vivendo a era do individualismo. O senhor concorda? Isso está relacionado com a preferência pelo pensamento linear?** Sim. A época do individualismo não começou agora, evidentemente. Ela começou há muitos e muitos séculos,

quando fomos abandonando as culturas tribais e entrando nas sociedades e, depois, com o capitalismo, em que as sociedades começaram a se tornar administradas. O dinheiro começou a se tornar administrável e criou-se aquilo que se chama de gestão da desconfiança. O que é um cartão bancário? É um sistema de gestão da desconfiança. A primeira coisa que se aprende é “não mostre a sua senha para ninguém”, “não aceite a ajuda de estranhos”, “olhe para os lados antes de entrar”. É como se você vivesse cercado de feras, e acabou sendo verdade, porque se você trata as pessoas como feras elas se comportam como feras. O

“O darwinismo é o pensamento complexo em ação. Por exemplo, como podemos nos adaptar para sobreviver à toda turbulência do mercado?”

individualismo veio desse capitalismo como exclusão do outro. Caminhamos agora para uma mudança de modelo mental e todos os bancos estão falando nisso. Capitalismo com sustentabilidade, com gestão ambiental, com responsabilidade social. Isso é uma necessidade gerada pelos danos do capitalismo predatório e do comunismo, que também é uma forma de governo altamente predatória. As consequências desse modo de vida estão levando a uma desindividualização progressiva, mas há de se convir que, após séculos e séculos de medo, fica muito difícil passar a confiar nas pessoas. As pessoas são más, mas as pessoas são boas. Tudo depende de como você as trata, de como você trata a gestão da sociedade.

**O individualismo só tem uma concepção negativa?** Não, tem uma concepção positiva. Quando você está no avião, por exemplo, e está escrito que, quando cair a máscara de oxigênio, primeiro ponha em você. Porque, se você não estiver bem, como vai ajudar os outros?

**Existem análises que associam o individualismo na pós-modernidade ao fim das ideologias, e da ideia de massas. Esse despertar para a diversidade de convicções e de lideranças pode servir como positivo?** Pode. O que você chama de pós-modernidade é o capitalismo globalizado, cujos resultados estamos vendo agora. Na modernidade há três grandes narrativas: o freudismo, o marxismo e o darwinismo. Essas narrativas eram como evangelhos de grande penetração, cuja finalidade era explicar às pessoas como o mundo funciona. Hoje, na pós-modernidade, que podemos arbitrariamente dizer que começou com os computadores pessoais, quer dizer, meados da década de 60, essas grandes metanarrativas da modernidade entraram em decadência, mas o darwinismo está em ascensão. O darwinismo é o pensamento complexo em ação. Por exemplo, como nós podemos nos adaptar para permanecer vivos diante da turbulência do mercado? A primeira coisa é tornar-se apto para viver melhor. Como fazer essa interação entre competição e cooperação? Para isso, é preciso mudar o capitalismo da pós-modernidade, porque é predatório. Ou seja, para que alguém ganhe, alguém tem que perder. Por que não alguém ganhar menos para deixar um pouco mais para outros? É esse o

dilema em que nós estamos. Na pós-modernidade não existem narrativas de grande alcance que digam como a gente deve fazer. A narrativa freudiana é determinista: somos determinados pela sexualidade, e só pela sexualidade. Na época de Freud, com a repressão daquela época, isso poderia ser visto dessa forma. Hoje isso não existe mais. Darwin não diz que a sobrevivência é do mais forte, embora essa palavra esteja na Teoria da Evolução. Darwin diz que a sobrevivência é do mais apto. Se a sobrevivência fosse a dos mais fortes, os dinossauros estariam aí. Quem são os mais aptos? Os insetos e as bactérias que, fisicamente, são os mais fracos. Isto é o que nós temos que aprender: como sobreviver fazendo um bom relacionamento conosco, com os outros e com o mundo natural. As narrativas hoje são pulverizadas para fazer com que as pessoas se reúnam para conversar e decidir seus próprios destinos. É o que o Edgar Morin chama de “comunidade de destino”. Agora nós temos que inventar narrativas de coparticipação. As grandes lideranças hoje são participativas.

**Sobre aliar competitividade e cooperação, como isso se traduz na educação? Sobre tudo em uma escola de negócios que pressupõe a competitividade.** Pressupõe, claro. Exemplo: no mundo animal, não existe a cooperação separada da competição. Os animais competem quando precisam e colaboram quando precisam. Quando uma leoa ataca uma zebra e a mata, faz uma ação predatória. No entanto, ela sempre deixa comida para uma leoa mais velha também, porque instintivamente sabe que, quando tiver aquela idade, vai depender disso. Em Economia, a competência é igual à cooperação vezes a competição. Se você for só competidor, cedo ou tarde achará alguém melhor que vai tirá-lo do mercado. Se for só cooperador, também. A competência é competir quando for necessário e cooperar quando for necessário. Como isso se traduz na educação? Na prática, não existe mais aula em que o professor chega lá e ensina, e os alunos olham passivamente. Aqui se coloca um caso, uma história, ou exemplo durante a aula e aquilo é discutido. A aula é feita por todo mundo. Por que isso é bom? Porque é isso que ele vai precisar fazer no outro dia na empresa. A empresa não vai perguntar em qual livro ele leu isso. O chefe dele vai dizer: resolva este problema. Então isso não existe mais, como os americanos dizem, *by the book*. A psicanálise era *by the book*, o marxismo era *by the book*, eram evangelhos.

**No plano geral da educação, o senhor acha que a sociedade contemporânea está formando indivíduos com que perfil?** Predatório e competitivo para um mundo que não vai existir mais depois desta crise. A economia tem uma parte social e uma financeira. A equação da economia é essa. A parte social da economia fornece dinheiro para o mercado por meio do trabalho das pessoas, e esse

dinheiro volta para o social por meio dos impostos. Se você tiver uma economia só social e o dinheiro ficar com o poder, como foi feito na União Soviética, chega-se a uma equação insustentável, porque é unilateral. Se fizer uma economia só financeira, como a da economia globalizada, chega-se também a uma equação insustentável. A equação só funciona se os dois termos se alimentarem mutuamente. Isso está sendo compreendido da pior maneira: pelo bolso. As pessoas estão perdendo o emprego. As empresas querem profissionais competitivos, não competentes. Até agora.

“Competência é igual a cooperação vezes competição. Mas as empresas ainda querem profissionais competitivos”

**O senhor se refere ao mundo de modo geral ou só ao mundo dos negócios?** No plano geral. Antigamente você entrava na escola para aprender algo. Agora, você entra na escola primária porque é obrigatório. E entra na escola secundária para passar no vestibular.

**O pensamento complexo é pertinente só para adultos?** Não. Poderia e deveria entrar nas bases da educação, mas não entra porque a educação fundamental está na mão dos governos. E esse sistema de pensamento prevê outro tipo de liderança, que não é o da liderança política que nós temos agora, do tipo eu sou situação, você é oposição. Para que eu ganhe, você tem de perder, e vice-versa. Como é que um sistema político vai implantar na escola fundamental um tipo de educação que o conteste em suas próprias bases? Não vai. Mas na economia vai. É por isso que o lugar ideal para colocar o pensamento sistêmico e complexo é numa escola de negócios. Porque essa escola prepara pessoas para fazer o que as empresas querem. O que elas querem? Resultado. E para dar resultado, no mundo de hoje, não vai mais valer a mentalidade predatória. O número de pessoas que começa a perceber isso é muito grande. O Fabio (Barbosa, presidente), do Banco Santander, é uma das pessoas que estuda esse assunto. É o primeiro banco que é comprado (Real) e o presidente continua. Continua porque sabe para onde vai a economia do futuro.

**Então, temos motivos para otimismo?** Não, não sou otimista, nem pessimista. Eu observo as coisas, nós temos motivos para observar. Agora, que está havendo alguma coisa nessa direção, está, com certeza. Essas coisas não mudam tão rapidamente. Porque as pessoas pensam: “Eu estou fazendo assim, e sempre deu certo; logo, vou continuar assim”. Mas agora temos uma razão muito forte para dizer que não está dando mais certo. Não está dando certo em nenhuma área e em lugar nenhum.

**A humanidade está exposta pela primeira vez à possibilidade do seu próprio fim, por conta das mudanças climáticas. As pessoas podem se tornar mais conscientes, unidas em torno de um projeto comum de longo prazo, mas por outro lado existe a possibilidade de as pessoas ficarem mais individualistas, mais pragmáticas, e com**

**foco de curto prazo.** Em mudança climática você pode ter uma atitude hedonista de dizer: “Eu vou me divertir e aproveitar a vida enquanto dura”. Mas como é que você vai aproveitar a vida agora? As possibilidades de fazer qualquer coisa estão muito limitadas. As pessoas estão com muito medo. Você vai comprar uma casa? Um carro? O que você vai comprar agora? Não é melhor deixar o dinheiro na poupança? Num momento de crise, é preciso não gastar em nada que não seja essencial. É o que as pessoas estão fazendo. E estão fazendo porque estão pressionadas a isso.

**Esse cenário de incerteza e insegurança faz com que as pessoas se tornem mais colaborativas?** Faz. Da mesma forma que as pessoas dão comida e dinheiro quando há uma enchente, como aconteceu há pouco em Santa Catarina. Toda catástrofe leva a esse efeito, que as pessoas se juntam e começam a colaborar. Antigamente, uma catástrofe era uma coisa excepcional. Hoje em dia as catástrofes ocorrem quase que em série. Volte um pouquinho para o episódio do tsunami, e veja que as grandes turbulências vêm acontecendo com grande regularidade. Isso cria um mecanismo de alerta, porque as pessoas não sabem quando vai ser a próxima. Choveu, fica todo mundo preocupado. Guerra, crise disso, crise daquilo. Uma pessoa predatória e maligna como George Bush, por exemplo, ele teve alguma coisa de bom para mostrar às pessoas: “Como não se deve fazer as coisas”. Se não fosse o Bush, uma pessoa como o Obama jamais teria entrado na Presidência dos EUA. Político jovem, negro, pouco experiente, ninguém sabia quem era, e de repente aparece. E, como a situação estava muito calamitosa, deram ouvidos a ele. Essas catástrofes em série estão permitindo que a gente faça isso. Como estão todas juntas, então nós nos juntamos também. Isso é que é o pensamento complexo. Juntar-se, para fazer uma rede de ajuda mútua a fim de resolver um problema sério, na linguagem do pensamento complexo chama-se auto-organização. O sistema se organiza sem precisar de nenhum comando externo.

**No Brasil a gente tem muitos exemplos disso...**

Nossa, o Brasil é cheio disso! O Brasil é um dos países do mundo que podem dar aula disso para qualquer um. Apesar da “predatoriedade” dos governos, o povo brasileiro faz isso. Uma escola de samba é um exemplo clássico de auto-organização. Não pergunte como foi feito, porque ninguém vai saber dizer. Ninguém precisa dizer o que fazer. Três caras descobriram isso em termos políticos: Gandhi na Índia, Martin Luther King nos EUA e Nelson Mandela na África do Sul. Mandela ficou 27 anos preso e toda aquela coisa do fim do *apartheid* foi feita de dentro da prisão. Sabem como? Ele tirava a carga da caneta, enrolava o papel escrito com o discurso, colocava dentro e os visitantes saíam com a caneta no bolso. Um guarda da prisão o chamou e disse assim: “Esse método é bom, mas é pouca coisa. Nós vamos colocar isso dentro das hortali-


ças”. Tinha uma horta na prisão, e o produto era vendido na Cidade do Cabo. Então, os próprios guardas brancos enfiavam toda aquela papelada no meio das hortaliças. Sabe quem pediu aos guardas para fazerem isso? Ninguém. Como Gandhi era advogado, resolvia os problemas legais dos guardas dentro da prisão. Logo ficou muito claro: “Esse cara colabora com a gente, então vamos colaborar com ele”. Foi assim. Gandhi dizia que, quando a auto-organização se torna patente, não precisa mais de liderança, porque a liderança se torna disseminada. O poder se torna difuso quando a causa é compartilhada. A campanha do Obama foi feita nessa base, a da auto-organização. O dinheiro dele veio pela internet. Nenhum candidato conseguiu tantas doações. As pessoas individualmente davam pouco, mas junta-se aquela população toda, vira uma montanha de dinheiro. A manifestação mais óbvia do pensamento complexo é a auto-organização. Os sistemas vivos se auto-organizam para se adaptar. Se você não atrapalhar, ou atrapalhar pouco, as coisas funcionam. É lógico que tem que ter liderança, mas não aquela autoridade única ditatorial que é a única pensante.

**O local onde as pessoas moram, se ele é muito frio ou muito inóspito, induz as pessoas a serem mais colaborativas?** Induz, sim. As sociedades tribais tradicionalmente prosperaram em locais onde o ambiente era mais duro, mais inóspito. E as sociedades nas quais o ambiente era mais amigável foram mais individualistas. O Brasil é um país muito individualista. Porque aqui tradicionalmente as coisas são mais fáceis, a natureza é mais pródiga.

**Como psiquiatra, qual é, na sua opinião, o mal do século? É a ansiedade?** É a depressão.

**Por quê?** A depressão é a sensação de impotência. Então, o cara chega no consultório e diz que não consegue resolver as coisas sozinho. E eu digo: “Mas quem está te obrigando a resolver sozinho?” Todos têm medo de pedir ajuda, qual o problema de pedir ajuda? As pessoas ficam perplexas, mas claro que se deve pedir ajuda.

**Depressão é a fadiga de si mesmo?** A definição psiquiátrica da depressão é a baixa ou perda das apetências. Não é tristeza. É não ter vontade de fazer as coisas. Que coisas? Tudo. Então é isso, estou enfadado de mim mesmo e não vou fazer mais nada.

**E por que agora a depressão é o grande mal?** Porque as pessoas são muito individualistas e acham que podem resolver tudo sozinhas. Não lhes ocorre pedir ajuda. O fenômeno da auto-organização, o juntar-se para fazer alguma coisa, é um grande antidepressivo. Quanto mais isolado e auto-referente você fica, mais deprimido se torna. 

“O fenômeno da auto-organização, o juntar-se para fazer alguma coisa, é um grande antidepressivo”



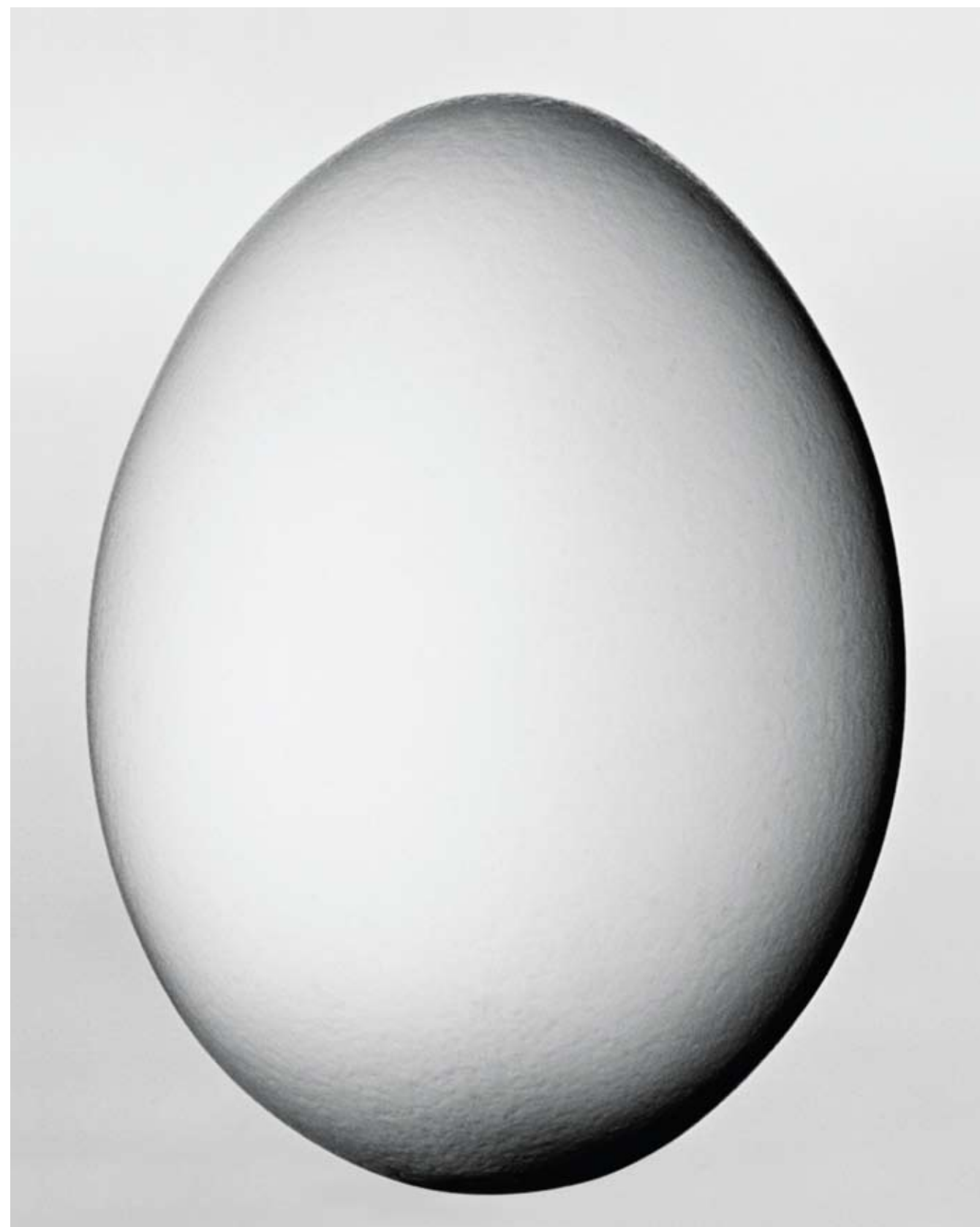
# A gente é o mundo que é a gente

Impulso e razão, altruísmo e destruição, cobiça e amor, cooperação e competição. Feito dessas contradições, **cabe ao indivíduo equilibrá-las** para que o coletivo se reequilibre

POR Amália Safatle # FOTOS Bruno Bernardi

**D**epois que dominou sozinho os recursos que tinha à mão na ilha onde sobreviveu a um naufrágio, o marinheiro Robinson Crusóe pôde viver anos a fio sob um conforto inicialmente inimaginável. Na obra de Daniel Defoe publicada em 1719, o personagem obtinha alimentos abundantes, água pura, ar limpo, terras para cultivar, milhares de árvores de boa madeira e uma “casa” segura contra possíveis invasores. Até dinheiro possuía, em moedas de ouro e prata. Entretanto, era um rei sem súditos. E de que valeriam as moedas em uma ilha deserta?

Crusóe estava pronto a arriscar a comodidade e tudo o mais que acumulara pela companhia de gente. Mas o único elo que via com o mundo exterior era fonte de enorme apreensão: canoas navegadas por canibais que, de vez em quando, aportavam à praia, trazendo prisioneiros para matar e comer. Se conseguisse salvar um dos pobres coitados, imaginou, ele lhe seria grato o resto da vida e o guiaria para fora da ilha. Assim aconteceu. O selvagem que um dia escapuliu da morte e foi salvo por Crusóe em uma sexta-feira, com este nome então batizado, tornou-se um parceiro essencial. Juntos, aproveitaram uma nova situação para se libertar da ilha: dominaram marinheiros amotinados de um navio que por lá apareceu e conquistaram a confiança do capitão, que, em seguida, também



profundamente agradecido, levou Crusoe de volta à Inglaterra, na companhia do leal Sexta-Feira.

O resgate desse clássico de aventuras frequenta as aulas do professor Marcos Fernandes Gonçalves da Silva, coordenador do projeto pedagógico da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (Eesp-FGV), quando o assunto é competição e cooperação no mundo capitalista – dualidade fundamental para se pensar na fronteira entre indivíduo e coletividade. “Se considerarmos **Adam Smith**, os agentes econômicos buscam o autointeresse, mas limitados por regras, leis e valores morais”, diz o professor.

Segundo Gonçalves, experimentos em ambientes controlados indicam que nós, humanos, estabelecemos mais empatia e somos mais morais que a teoria econômica tradicional imagina – em linha com o que o próprio Smith observou na sua Teoria dos Sentimentos Morais. “A ideia do homem econômico-racional apresenta resíduos mecanicistas”, diz Gonçalves. “Muitos dos nossos comportamentos são altruístas, não só sobre descendentes, mas humanos de forma geral e também não-humanos.”

Mas o equilíbrio entre cooperação e competição, inato aos seres vivos e condição de sobrevivência no sistema ecológico, parece pender para a segunda ponta quando se trata da condição humana – basta constatar o resultado socioambiental das ações da nossa espécie, com profundas desigualdades, injustiças e uma capacidade ímpar de destruição.

De que somos feitos, afinal? De que matéria nasce a aventura humana na Terra? Como essa essência presente em cada indivíduo forma o grande coletivo?

A chave para a sustentabilidade global reside nesse mergulho

**HIPERLINK:** Pai da economia moderna, principal autor do liberalismo econômico, para quem a ação movida pelo interesse próprio levaria ao bem-estar da sociedade



## O indivíduo é resultado da crise socioambiental, que resulta do indivíduo: círculo

íntimo. Como afirma o médico e ensaísta Humberto Mariotti em entrevista nesta edição (pág. 10), o ponto de partida de toda a discussão está nas relações individuais, porque o universo todo está presente em cada um, por meio da água, do ar, dos elementos químicos.

**Freeman Dyson** escreve em sua obra *De Eros a Gaia* que sobreviver significa competir com sucesso em seis escalas: na de anos, a unidade é o indivíduo; na de décadas, a família; na de séculos, a tribo ou nação; na de milênio, a cultura; na de dezenas de milênios, a espécie; e, na de éon (período de tempo incomensurável), toda a teia de vida sobre o planeta.

Assim, o conflito central de nossa natureza estaria na luta entre o indivíduo egoísta e o grupo. “A natureza nos deu cobiça, um desejo robusto de maximizar ganhos individuais. Sem a cobiça, não teríamos sobrevivido no nível individual.” Mas na outra ponta deu o amor – desde o amor ao parceiro e aos filhos até o amor à natureza –, para ajudar a sobreviver nas escalas familiar à planetária.

Por isso Dyson fala em lealdades conflitantes. “Os seres

humanos não podem ser humanos sem uma dotação generosa de cobiça e amor.”

Como se verá ao longo desta reportagem, as religiões exploram, do ponto de vista espiritual, essa ligação entre o ser e o infinito coletivo, enquanto espelham todas as características, positivas e negativas, de uma sociedade humana. A Biologia entende cada indivíduo como pertencente a uma teia ecossistêmica complexa e em evolução, sem a qual ele não poderia existir. A grande discussão do Direito está na tênue fronteira onde começam e terminam os direitos e os deveres de cada indivíduo em relação ao outro e à coletividade, afirma Fabiane Bessa, diretora do programa de Pós-Graduação em Direito Econômico e Socioambiental da PUC do Paraná.

Mais: a Psicologia Social discute até mesmo a noção de indivíduo, por entender que ele é indissociável de um coletivo. A Psicanálise concebe o coletivo como resultado maior que a soma das individualidades, pois a interação entre elas gera uma nova dinâmica grupal, diz Plínio Montagna, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, para quem a

**HIPERLINK:** Físico inglês notório por especulações sobre civilizações extraterrestres e estudioso da Teologia Natural

## vicioso que só **a reflexão é capaz de romper**. E onde está o espaço para refletir?

realidade externa ao indivíduo é sempre investida de subjetividade. “Uma simples percepção tem um matiz individual, um toque de singularidade dado pelo indivíduo que o torna diverso dos demais. Assim o mundo externo é colorido, para cada um de nós, com um tanto do nosso próprio ser.” Enquanto isso, visões mais profundas da Economia suplantam o mecanicismo, buscando entender variáveis comportamentais e morais nas decisões econômicas.

Ou seja, diversas áreas do conhecimento, separadas pelo pensamento de ordem **cartesiana**, interligam-se em mensagem única, que o pensador francês Edgar Morin uma vez abordou de forma simples e transversal: “É impossível isolar o ser vivo de seu ecossistema, o indivíduo de sua sociedade, o sujeito do objeto”. Ao afirmar isso, Morin criticava a formulação de Descartes que veio a tomar conta do ideário ocidental: a distinção entre objeto e sujeito, entre natureza e o homem que deve dominá-la – pensamento de nefastos efeitos sobre o meio ambiente.

**HIPERLINK:** Do matemático e filósofo René Descartes, tido como fundador da filosofia moderna e criador, no século XVII, de método em que propunha a análise a partir da máxima divisão do objeto de estudo.

Morin afirma que “o que aprendemos do mundo não é um objeto abstraído de nós, mas o objeto visto e observado, coproduzido por nós. O nosso mundo faz parte da nossa visão de mundo, a qual faz parte do nosso mundo”, diz, em um jogo de palavras.

É a mesma linha de pensamento que segue a Psicossociologia, campo de pesquisas da professora Eda Tassara, fundadora e coordenadora do Laboratório de Pesquisa Socioambiental e Intervenção da Universidade de São Paulo (Lapsi/USP). “O indivíduo é resultado de uma constante interação entre aquilo que a Biologia define como interno, embalado por um invólucro que é a pele, e o mundo externo a esse invólucro. Essa relação é de mão dupla: o que o indivíduo joga para fora veio de fora”, afirma. Ou seja, “o que constitui o indivíduo são as mesmas forças que constituem o caldo da problemática socioambiental. São forças indissociáveis”.

Assim se forma um círculo vicioso: o indivíduo é resultado da crise, que é resultado do indivíduo. “Somente a reflexão pode ser capaz de romper esse círculo. Mas onde estaria esse espaço para reflexão”, questiona Eda, “se os canais de formação e informação dominantes perpetuam o atual estado das coisas?”

### **Piratas e cyberpunks**

Uma alternativa, aponta ela, são as chamadas Zonas de Autonomia Temporária – TAZ [1], espaços coletivos, organizados em redes, que configuram possibilidades de pensar fora do sistema hegemônico e propor mudanças nas formas de organização da sociedade. “Uma outra opção seria a articulação de líderes esclarecidos em torno de uma governança global, que funcionaria como uma brecha no bloco monolítico do poder.

E, ainda, as alternativas sempre podem ser pensadas no espaço das utopias”, diz.

“Utopias piratas” é justamente a expressão que dá título ao primeiro capítulo do livro de Bey – que inclusive recorre às obras de Daniel Defoe, o autor de Robinson Crusoe, para entender a formação das admiráveis redes de informações dos piratas, que se estendem sobre o globo, rompendo fronteiras.

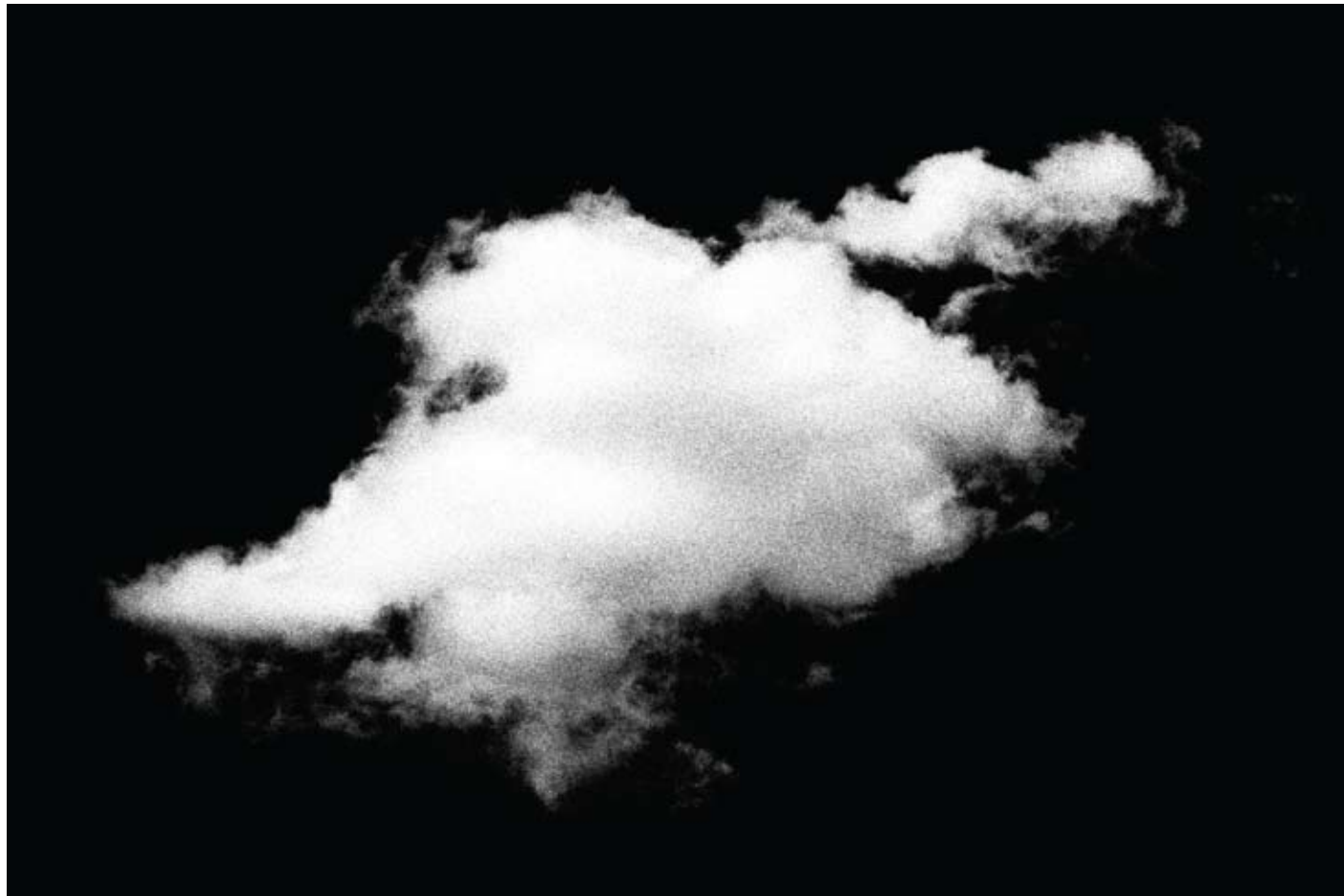
“Embora algumas pessoas achem que sim, eu não criei a idéia de Zona de Autonomia Temporária”, disse Bey em uma entrevista. “Apenas coloquei um nome esperto em algo que já estava acontecendo: a inevitável tendência dos indivíduos de se juntarem em grupos para buscar a liberdade. E não terem de esperar por ela até que chegue algum futuro utópico abstrato e pós-revolucionário.”

Nessa entrevista, Bey cita Bruce Sterling, um dos principais

#### **TOME NOTA**

**1** Expressão que dá título a livro lançado em 1985 por Hakim Bey, pseudônimo do escritor, ensaísta e poeta americano Peter Lamborn. O conteúdo pode ser acessado em <http://protopia.wikispaces.com/hb.taz>





## A autonomia é a condição humana moderna. Antes, o indivíduo era só a extensão

expoentes da ficção científica **cyberpunk**, que publicou um romance ambientado em um futuro próximo e tem como base o pressuposto de que a decadência dos sistemas políticos vai gerar uma proliferação de experiências comunitárias descentralizadas: corporações gigantescas mantidas por seus funcionários, enclaves independentes dedicados à pirataria de dados, enclaves verdes e socialdemocratas, enclaves de trabalho-zero, zonas anarquistas liberadas etc.

Essa noção de autonomia individual não vem de hoje. Em grego a palavra indivíduo significa átomo, ou indivisível, ser com identidade própria, mas já a partir da Revolução Francesa ganhou conotação mais política, relacionada à liberdade, explica Gustavo Massola, professor do Lapsi/USP.

“O individualismo é algo que se impõe hoje, não no sentido moral, mas da autonomia. Diria que o individualismo é a condição humana moderna”, afirma Carlos Alberto Steil, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um estudioso da antropologia da religião.

Ele diz que antigamente o indivíduo era apenas extensão de um grupo, não tinha escolha para sobreviver, a não ser seguir có-

digos de conduta definidos, por exemplo, pela coerção religiosa. “Era um pertencimento que anulava. Hoje, quando as pessoas se agregam em comunidades, elas vão por adesão.”

Trata-se de uma liberdade que não combina mais com a prisão a um jeito binário de operar, herdado do pensamento cartesiano linear, que o médico Humberto Mariotti chama de “doença do pensamento”, e caracteriza a forma dominante de organização social e a atual economia de mercado: para que alguém ganhe, outro tem de perder; para um se incluir, é preciso excluir o outro. A lógica linear trouxe avanços inegáveis para a ciência e a tecnologia, mas também efeitos colaterais como devastação ambiental, fanatismo, totalitarismo e terrorismo, exemplifica.

Como diz Marcos Gonçalves, da FGV, embora dos pontos de vista político e econômico não seja um bom negócio pensar exclusivamente de forma individualista – entre os efeitos danosos que desequilibram os sistemas globais estão o hiperconsumismo, do lado do comprador, e a ganância, do lado do acionista –, as instituições criadas pelo homem operam segundo o princípio de que não estabelecemos ou não devemos estabelecer empatia com o outro.

**HIPERLINK:** O cyberpunk mescla a ciência avançada, como a tecnologia da informação e a cibernética, com algum grau de desintegração ou mudança radical na ordem social

Mariotti fala disso na entrevista desta edição: quando o dinheiro começou a se tornar administrável, criou-se aquilo que se chama de gestão de desconfiância, da qual o cartão bancário é um exemplo. “A primeira coisa que se aprende é ‘não mostre a sua senha para ninguém’, ‘não aceite a ajuda de estranhos’. É como se você vivesse cercado de feras, e acaba sendo verdade, porque se você trata as pessoas como feras elas se comportam assim com você”, diz.

Por isso soam tão arejadas as relações econômicas de troca descritas em reportagem à página 38, em que a base de qualquer “contrato” é a confiança mútua, e nas quais os objetos, meramente pessoais, ganham multiplicidade e valores exponenciais quando transpõem a ilha do indivíduo e passam a circular em mares coletivos. Ou quando o indivíduo, pelas próprias mãos, é capaz de romper a linha que separa consumidor de produtor, como mostra a seção *Radar* à página 43.

Mas, de volta ao *business as usual*, as nações, diz Gonçalves, que buscam a riqueza como forma de poder geopolítico, acabam moldando o comportamento das pessoas, fazendo-as oscilar entre as essências altruística e destruidora. Diante disso, ele mesmo se pergunta por que ser otimista. “Porque os problemas ambientais, por exemplo, não têm fronteiras e demandarão um exercício inédito de cooperação entre países”, responde.

Um exercício que as religiões mundiais, como o cristianismo, o islamismo e o budismo, buscam: superar fronteiras locais e nacionais para alcançar o bem comum. “Quanto mais universal, mais sua mensagem está direcionada ao indivíduo, para que ele e o universo se encontrem”, afirma Steil, da UFRGS.

Mas aí surgem as contradições humanas, diz ele. Religiões

## de um grupo. Hoje, quando as pessoas se agregam em comunidade, vão por adesão

também são usadas para demarcar fronteiras, a exemplo do Oriente Médio e da Bósnia. Apesar do discurso da irmandade, produzem hierarquias: dizer-se umbandista no Brasil pode soar inferior a dizer-se católico. Ao mesmo tempo disciplinadoras, podem desestabilizar a ordem estabelecida. E, se de um lado funcionam como ópio do povo, de outro dão voz aos oprimidos.

### Freud também explica

Desequilíbrios nas contradições humanas, que aparecem claros do ponto de vista psicanalítico, ajudam a explicar por que tendemos a repetir os mesmos erros, como os de formar sucessivas crises – de ambientais a financeiras. A psicanalista Vera Rita de Mello Ferreira [2] resgata Freud para dizer que a mente humana é basicamente regida por dois sistemas. Um, chamado de princípio do prazer-desprazer, é imediatista, regulado pela emoção e movido pela urgência de afastar tudo o que incomoda ou reprime e de se aproximar do que agrada, mesmo que seja ilusório. Daí a tendência a acreditar em bonanças eternas e a cair sempre nos mesmos erros. O outro, chamado de princípio da realidade, fundamenta-se na percepção do que está em volta, na

memória das experiências vividas, no julgamento imparcial e na capacidade de tolerar as repercussões emocionais causadas por frustrações. O famoso “pense antes de agir”.

#### TOME NOTA

**2** *Autora dos livros Decisões Econômicas – Você já parou para pensar? (Ed. Saraiva) e Psicologia Econômica – Estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão (Ed. Campus) e representante no Brasil da International Association for Research in Economic Psychology*

Segundo Vera, a Neurociência mostra que a parte posterior do cérebro, que rege o sistema da emoção do instinto e da intuição, é a mais antiga na evolução da espécie humana – o que nos deu condição de sobreviver no mundo primitivo. “Assim, quem manda primeiro é a emoção, o impulso do prazer-desprazer. O homem teve de fazer um esforço enorme para controlar o medo de dominar o fogo. Quando dominou o medo – e o fogo –, foi um salto evolucionário”, afirma.

“Mas a cabeça da gente ainda é predominantemente ‘Homer Simpson’, ou seja, busca em primeiro lugar só o que interessa, e emporcalha o que está em volta até não dar mais. O ambiente é reflexo disso”, diz. Por isso Vera defende que a sociedade implante alguns modelos que induzam as pessoas a hábitos na direção do que é mais adequado e desejável, até que a sociedade seja capaz de mover-se pela própria consciência.

É o que se chama de paternalismo *light* ou libertário, fundamentado no argumento de que a educação e o empoderamento ainda não são suficientes para mudar o comportamento humano na velocidade necessária. É preciso um empurrãozinho. [3]

“Essa é a última discussão na área da Psicologia Econômica, e que estou trazendo para o campo da sustentabilidade”, diz Vera. Um exemplo trivial: criar um *enforcement* para que a indústria

fabrique, via de regra, torneiras com aeradores, que reduzem o consumo de água. Assim, quem quiser uma torneira sem aerador, terá mais dificuldade de encontrar um produto fora do padrão. Hoje, acontece exatamente o oposto.

#### TOME NOTA

**3** *A ideia está lançada no livro Nudge – Improving decisions about health, wealth and happiness, de Richard Thaler e Cass Sunstein.*

John Elkington, fundador da consultoria inglesa SustainAbility, em recente passagem pelo Brasil, afirmou que as escolhas e as decisões no mundo financeiro em geral ainda são feitas por agentes que operam como robôs, mesmo que uma crise financeira esteja novamente sacudindo o mundo, somada a outra de ordem ambiental sem precedentes. Por isso, ele acredita que modelos indutores de práticas financeiras sustentáveis podem ser uma ferramenta interessante – tal qual propõe o paternalismo *light*.

Se obedecer a modelos cartesianos é o que mais a espécie humana sabe fazer em seu atual estágio evolutivo, que os modelos sejam os melhores na direção de uma evolução, individual e coletiva, compatível com a complexidade da realidade que a cerca. [2]

# Como a cidade mora em você

Gigantismo, aglomeração, ritmo veloz e estagnação. As **marcas da metrópole reverberam na saúde** e no comportamento de seus moradores

POR Carolina Derivi # COLABOROU Daniela Gomes Pinto

**S**e a história humana fosse um grande romance, as cidades seriam o cenário de todos os *turning points*. Do Renascimento de Florença, passando pelo Iluminismo de Paris, até a pequena semente do movimento pelos direitos civis em Montgomery (EUA), as cidades provaram a capacidade de abrigar os maiores problemas e as maiores soluções. São, como disse Lévy-Strauss, “a coisa humana por excelência”.

Em nosso tempo, as megalópoles se tornaram reconhecidamente insustentáveis. Mas o que nem sempre se reconhece é que qualquer uma das questões socioambientais que se eleja traz consigo uma implicação de saúde, física ou psíquica. É algo que não se resume apenas às consequências da poluição. Em artigo publi-

cado em 2008 no *The Medical Journal of Australia*, o diretor de Saúde Pública de Sydney, Anthony Capon, ousou conjugar medicina e urbanismo juntos.

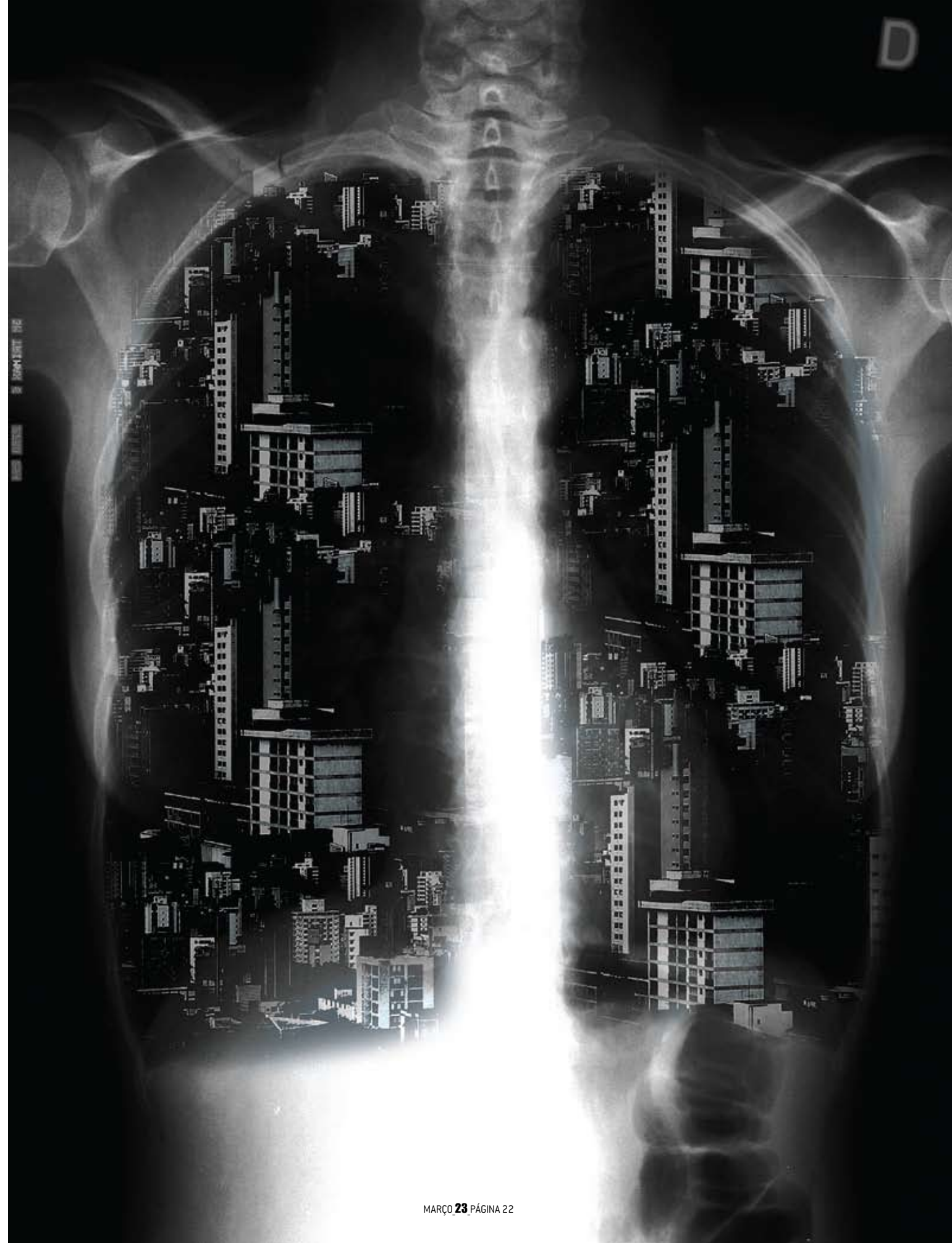
“A vida urbana australiana é marcada por sedentarismo, excesso de ingestão de comida industrializada, abuso do carro como meio de transporte, alto nível de exposição a mensagens de marketing e cultura de consumismo. Essas características estão ligadas a obesidade, diabetes, doenças do coração, alguns tipos de câncer, doenças respiratórias crônicas, depressão e ansiedade (...) Cada estágio de evolução das cidades foi definitivo para transtornos de saúde.”

Em consultórios terapêuticos, diz o psicanalista Bernardo Tanis, as questões da subjetividade gradualmente perdem espaço para queixas do cotidiano. Este

e outros sintomas levaram a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP), em parceria com a Federação Psicanalítica de América Latina, a promover dois anos de ciclos de debates que culminaram com o simpósio “A Psicanálise nas Tramas da Cidade”, em São Paulo, no ano passado.

Todos os encontros foram multissetoriais, unindo sociólogos, urbanistas, cineastas, literatos, entre outros. “Há muitas convergências”, diz Magda Khouri, diretora de comunidade e cultura da SBP, “como a observação de que esse nosso espaço não tem mais aquele poder de reunião. A cidade é toda voltada para a passagem”.

Mobilidade, para Magda, é um dos fatores que influenciam o bem-estar psíquico no meio urbano: “Há um desam-





## O estresse é a resposta adaptativa a situações adversas, que, nas metrópoles modernas, são a regra

paro muito grande na cidade. As relações afetivas acabam sendo intermediadas pelo distanciamento, pela dificuldade de chegar à outra pessoa”. Tanis, por sua vez, entende que a aglomeração humana marcou estratégias de sobrevivência pelo individualismo: “Se eu tiver que me preocupar com o que acontece com todos os outros ao meu redor, eu deixo de existir, porque é tanto outro! Ocorre uma dessensibilização. É um mecanismo de defesa, que já existia na patologia, mas que se exacerba nas grandes cidades”.

É senso comum dizer que moradores de grandes metrópoles são nervosos, ansiosos, estressados. No Brasil, paulistanos carregam essa pecha, assim como soteropolitanos levam a fama de ter a vida mansa.

Todos somos capazes de intuir que essa generalização tem algo a ver com os estilos de vida de cada cidade. Mas, para superar o senso comum, é preciso compreender o que é estresse e como o nosso corpo reage aos estímulos ambientais. É preciso, enfim, começar do começo.

Estresse é um conjunto de respostas

adaptativas do corpo a situações adversas. A natureza, em sua gloriosa sabedoria, dotou o cérebro humano de um radar indomável para captar ameaças. Diante da tal ameaça, o organismo libera hormônios de estresse, como adrenalina e cortisol. A pupila dilata, o coração bombeia mais sangue para os músculos e estes, por sua vez, retraem-se em antecipação para duas reações possíveis: lutar ou fugir.

Perfeito mecanismo para as savanas africanas que foram o berço da humanidade. Mas como poderia a Mãe Natureza supor que a civilização transformaria de tal forma o seu ambiente que as situações adversas de necessária adaptação seriam ininterruptas? Imagine-se caminhando por uma avenida movimentada de um típico centro urbano. É preciso enxergar através da multidão para se ter certeza do caminho, assim como placas de aviso e sinais de trânsito. É preciso cuidado para desviar de pessoas, carros, ônibus, motos e eventuais bicicletas, além de atenção redobrada para não ser vítima de uma das variantes da criminalidade urbana. Junte

tudo e embrulhe em um véu amorfo de sons e ruídos, mais uma enormidade de estímulos visuais disputando sua atenção para ofertas imperdíveis de consumo.

Tudo isso é absorvido e filtrado pelo cérebro, essa máquina de notar ameaças, num esforço constante de retomar a concentração para aquilo que realmente importa. Aliás, é possível que apenas essa imagem mental já tenha acionado em você uma quantidade minúscula – mas real – de hormônios do estresse.

Considerados outros aborrecimentos e frustrações cotidianas, fica fácil entender por que mesmo as pessoas mais calmas às vezes perdem a compostura e ficam agressivas, por exemplo, no trânsito. Quando há estresse desencadeado por engarrafamentos, as pessoas recebem doses contínuas de hormônios feitos para lutar ou fugir, mas a realidade manda que fiquem imóveis. O copo vai enchendo, até que transborde, enfim, uma reação corporal de explosão que pode ser agressiva, já que essa é uma das funções para as quais o estresse se presta originalmente.

A outra explicação tem a ver com o funcionamento do cérebro. Uma região chamada córtex pré-frontal é responsável pela concentração e pela tomada de decisões. Infelizmente, para os seres cosmopolitas, é a mesma área que rege o autocontrole.

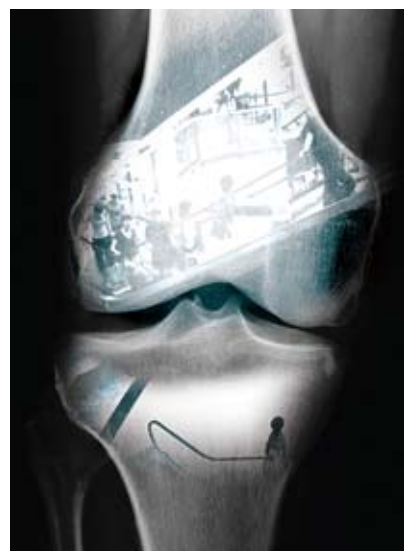
No trânsito, um motorista toma entre 60 e 100 decisões por minuto. Com a sobrecarga de informações, o controle dos impulsos também pode ficar comprometido, apesar de que as reações variam conforme a personalidade dos indivíduos. “Os mecanismos de controle existem para adequar a vida em comunidade. O indivíduo que está cansado, estressado, muitas vezes não consegue controlar o comportamento agressivo”, diz Marcelo Feijó, psiquiatra coordenador do programa de atendimento e pesquisa em violência da Universidade Federal de São Paulo (Prove/Unifesp)[1].

### TOME NOTA

**1** O Prove mantém um ambulatório de tratamento e prevenção de estresse pós-traumático para vítimas de violência, em São Paulo. O atendimento é gratuito. Rua Botucatu, 430. Tel: [11] 5549-4374

A boa notícia é que os humanos também contam com uma capacidade extraordinária de se adaptar. “Algumas pessoas estão tão habituadas à adrenalina da cidade que, quando transportadas para o campo, aí, sim, é que vão ficar ansiosas. De tédio”, diz a psiquiatra Ana Paula Carvalho.

Um dos fenômenos mais estudados pela psicologia ambiental (vertente que trata da influência do meio sobre o homem) é o da ambientação. “Depois de estar exposto durante muito tempo a um estímulo ruim, você para de se incomodar com ele, e só volta a notar quando vai para um ambiente diferente”, explica Fabio Iglesias, doutor em psicologia ambiental. Isso significa que as pessoas não precisam viver aos sobressaltos e até na cidade mais frenética é possível andar distraído. Mas não significa também que as consequências para a saúde necessariamente cessem junto com a percepção, algo que Magda Khouri chama de “feito silencioso”.



## Essa fila não anda

PESQUISADOR EXPLICA POR QUE A CONSTANTE ESPERA PODE GERAR ANSIEDADE

Nas grandes cidades, mesmo quem não é motorista ou não se expõe a longos deslocamentos precisa lidar constantemente com séries de obstáculos humanos entre si mesmo e seus objetivos.

O psicólogo ambiental Fabio Iglesias, que fez doutorado sobre filas de espera, realizou mais de 300 entrevistas e concluiu que o principal fator de irritação para os usuários é não saber quanto tempo a espera pode durar.

Em outro levantamento, Iglesias perguntou a cerca de 400 entrevistados em diferentes posições na fila quantas pessoas estavam na frente deles. Via de regra, os últimos colocados subestimaram o tamanho da fila e os que ocupavam melhores posições exageraram. “A pessoa precisa ser otimista para decidir enfrentar o incômodo. Já as que estão há mais tempo naquela situação começam a ficar pessimistas, até como uma maneira de justificar o incômodo”, analisa Iglesias. Em ambos os casos, a estimativa de tempo de espera feita pelos usuários foi sempre superior à realidade.





## Além da discussão científica, há uma inquestionável dimensão do contato com o natural, ligada à beleza

Há outras maneiras de se adaptar ao ritmo da cidade grande e essas são as verdadeiras bombas-relógio silenciosas. Se não há tempo para se alimentar bem ou cozinhar, vive-se de comida industrializada rápida. Com carros e mais carros, caminhar é quase uma excentricidade. E, se fica difícil relaxar ao longo do dia, uma cerveja, um whisky, um cigarro, um baseado e mais tantas drogas lícitas ou ilícitas dão conta do recado.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, as doenças que mais matam no mundo são cardiovasculares e cerebrovasculares. Assim como diabetes e alguns tipos de câncer, também entre as dez mais, estão associadas a maus hábitos que se acentuam no ambiente urbano: sedentarismo, tabagismo, abuso de drogas, má alimentação. Não por acaso, são chamadas de “doenças da civilização”. A mesma civilização que, em 2008, tornou-se pela primeira vez na história primordialmente urbana.

“É comum as pessoas dizerem que o bisavô fumava e bebia e viveu até os 90 anos. Mas no tempo dos nossos bisavós não se usava tanto carro, elevador, escada rolante... E não se comia tanta coisa industrializada”, diz Ana Paula. Enquanto a expectativa de vida cresceu através das gerações, nunca se teve a possibilidade de reunir tantos hábitos ruins.

Para aqueles que se utilizam de algum tipo de estimulante ou relaxante artificial, é bom saber que há uma alternativa muito menos nociva e também eficiente: tome “verde”. Tantas vezes ao dia quanto for possível.

Um estudo da Universidade de Michigan, publicado em 2008, buscou comparar os efeitos do ambiente urbano e do ambiente natural sobre o cérebro. Alguns alunos da universidade foram chamados a caminhar por um parque arborizado e outros, por uma rua movimentada.



Depois, foram submetidos a testes de concentração e memória, como repetir uma sequência de números de trás para a frente. Aqueles que caminharam pelo ambiente urbano tiveram resultados significativamente piores.

A explicação está na sobrecarga de informações e estímulos que a cidade representa. “A mente é uma máquina limitada”, disse ao jornal *Boston Globe* o psicólogo, autor do estudo, Marc Berman, “estamos começando a compreender como a cidade excede esses limites.”

Com base nesses resultados, é possível dizer que o contato com a natureza cumpre um papel duplo, que nos acostumamos a entender como opostos: acalma e relaxa, ao mesmo tempo que aprimora o poder de concentração e, consequentemente, o rendimento intelectual.

O estudo em questão é um dos expoentes de uma linha histórica de investigação sobre os benefícios do ambiente natural, algo de que a civilização urbana desconfia desde tempos remotos. Na Londres de 1841, a região chamada East End era um verdadeiro formigueiro humano, com muitas fábricas, epidemias e poluição do ar e da água. Aconselhada pelo sanitarista

William Far, a rainha Vitória decidiu construir um parque que até hoje leva o seu nome, como medida de saúde pública. (leia reportagem sobre parques urbanos à pág. 27)

Já em 1984, foi realizado outro estudo em um hospital da Pensilvânia (EUA), onde uma parte dos quartos tinha vista para uma parede de tijolos e a outra, para um jardim. Os pacientes que olhavam para árvores através de suas janelas tinham períodos de hospitalização mais curtos e precisavam de menos analgésicos.

Para o psicanalista Bernardo Tanis, a despeito de toda a discussão científica, existe uma dimensão inquestionável do contato com o natural que está ligada à beleza: “A dimensão estética é uma vertente tão importante no ser humano e que a gente perdeu no cotidiano. Olhar o mar, o horizonte, ouvir uma música te conecta com outros níveis da existência. É a dimensão do sublime”.

É forçoso reconhecer que há muitos elementos na urbanidade que elevam a qualidade de vida, em lugar de suprimi-la. Além das inúmeras vertentes de trabalho e de vivências culturais, a possibilidade do anonimato e de viver a individualidade em toda a sua amplitude, lembra Iglesias. “Punks ou homossexuais, por exemplo, são considerados aberrações em cidades muito pequenas. Já na grande cidade, as pessoas não precisam se preocupar tanto com a reação dos outros. Você pode ser quem é e fazer o que gosta.”

Talvez a saída esteja em nunca perder a visão crítica sobre a própria vida. A pedido da reportagem, a psiquiatra Ana Paula Carvalho arrisca uma receita mínima universal: boa alimentação, atividade física, lazer uma vez por semana e, pelo menos uma vez ao dia, fazer algo que lhe dê prazer. E você estará pronto para enfrentar a selva de pedra.

**HIPERLINK:** O relatório A Situação da População Mundial, divulgado pela Onu em 2007, previu que, no ano seguinte, a população urbana mundial passaria a ser ligeiramente superior à rural. O relatório também estima que, até 2050, o mundo terá 9 bilhões de pessoas.

# Encontra-se verde

Implantação de parques em áreas estratégicas e pomares nos corredores urbanos buscam reverter o domínio do cinza na capital paulista e atrair novas espécies de aves

POR Ana Cristina d'Angelo # FOTO Bruno Bernardi



**D**e fora, todo mundo acha que não há. Mas quem está em São Paulo – para pegar o exemplo de um grande centro urbano – sabe que sim, pássaros podem te acordar de manhã e – como não – há belas árvores nas ruas. A questão é que, tendo em vista a repetição neste país, há uma desigualdade na distribuição da natureza na cidade e a velha dificuldade de manutenção dos espaços verdes que vão abrigar as aves e outras vidas que não somente a da buzina estridente ou a da fumaça de carro.

São Paulo existe com todos seus problemas e barulhos. E como a cidade é alvo quando a discussão é sobre poluição e aglomeração urbana, não são poucos também os esforços no sentido da mudança. A cobertura vegetal da cidade corresponde a 21% do seu território, mas esse número é zero em muitas regiões, o que provoca ilhas de calor, bolsões já citados no premonitório e catastrofista *Não Verás País Nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão.

O Programa 100 Parques, do governo do Estado paulista, é um esforço para ampliação do verde nos limites urbanos. Em janeiro de 2008 foi feito um levantamento das áreas que poderiam ser transformadas em parques e que careciam de espaço público. Foram implantados até agora 17: três na Zona Oeste, sete na Leste, três na Norte e quatro na Sul. No passado, o ritmo de iniciativas como esta era desanimador. **Entre 1915 e 1960, somente três parques foram criados em São Paulo, justamente quando a população subiu para cerca de 3 milhões de habitantes.**

“São Paulo nunca teve diminuição do espaço público – que engloba praças, parques, áreas de preservação –, o problema é a **manutenção**; os lugares ficam degenerados pelo uso excessivo”, diz o professor Silvio Soares Macedo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Junto com alunos e bolsistas da universidade, Macedo desenvolve o projeto Quapá, que pretende ser um banco de dados sobre parques, praças e calçadas do Brasil.

Sobre a capital paulista, o professor comenta que há diferenças nas gestões dos parques e praças. Há alguns que podem ser exemplares, como o Parque da Juventude e o Villa-Lobos. Praças que poderiam ser geniais, como a que fica próxima ao Teatro Cailda Becker e outras na região do Butantã, estão praticamente abandonadas. Na construção do banco de dados, Macedo e os alunos também anotam os diferentes usos dos espaços públicos. No Centro da cidade, parques e praças conservam a cultura do encontro, enquanto nos bairros os espaços adquiriram uma funcionalidade: local de prática de esportes, lazer para as crianças, passeio com o cachorro. Em ambos os casos, há de ser considerado o uso do espaço de maneira não planejada pelos sem-teto, usuários de droga e marginais.

No tópico sobre as calçadas, o Quapá aponta uma mudança que pode interessar ao cidadão. Havia uma lei que determinava a



Elementos e alimentos ao alcance das aves nas cidades

largura de 1,5 metro, a prefeitura cumpria e o pedestre andava apertado. Agora a medida passou para 2,5 metros o que, segundo o professor, caminha na direção de voltarmos a chamar o pavimento de passeio, como falavam os mais velhos. Ele considera ideal a largura de 3 a 4 metros.

### Um pomar no rio

Literalmente na Marginal Pinheiros, o projeto Pomar Urbano chama a atenção pela ousadia: devolver a flora e fauna a uma das regiões mais poluídas e movimentadas da cidade. O projeto completou dez anos em janeiro e é mantido com dinheiro público e privado. Empresas interessadas adotam trechos da margem do rio e implantam o pomar com apoio técnico do governo; a mão-de-obra é formada por bolsistas, que recebem treinamento para a jardinagem. A ideia é plantar árvores que possam atrair aves que viviam na região anteriormente.

Essa arborização adequada, com espécies nativas, realmente estimula e muito a presença das aves, diz o biólogo Guto Carva-

## Focos de jardinagem libertária

PIPOCAM MOVIMENTOS PARA CRIAR JARDINS, HORTAS E MUTIRÕES ECOLÓGICOS

**Mudar a paisagem urbana sem esperar muitos recursos que não as próprias mãos, e tendo em mente a ideia de ocupação e embelezamento das cidades. Os movimentos de jardinagem libertária pipocam pelo globo e têm os registros e divulgação das ações na internet.**

**O primeiro grupo que inspirou ações semelhantes foi o Guerrilla Gardening ([www.guerrillagardening.org](http://www.guerrillagardening.org)), do britânico Richard Reynolds. Em 2004, começou a plantar flores, à noite, secretamente, em áreas proibidas ou cercadas de Londres. Usou a web para registrar seus feitos, ensinar e incentivar essa espécie de guerrilha com plantas. O site virou um ponto de encontro de interessados do mundo inteiro que também compartilham seus bombardeios de flores. Reynolds escreveu um livro com dicas do que cresce nos terrenos baldios e de como mudar a cara da sua redondeza.**

**No Brasil, a ideia ganhou a versão Jardinagem Libertária ([www.jardinagemlibertaria.wordpress.com](http://www.jardinagemlibertaria.wordpress.com)). Um dos grupos mais atuantes é de Curitiba, que propõe mutirões ecológicos, bicicletadas, manejo de hortas e confecção de mudas. No site também há histórias interessantes de jardinagens libertárias de outros tempos, da ligação de escritores e pensadores com o tema, além de cursos e eventos para os guerrilheiros das plantas.**

## Um conceito importante é a criação de corredores de fauna usando as marginais e avenidas

lho, da Avistar Brasil – Encontro Brasileiro de Observação de Aves. “Um conceito importante é a criação de corredores

de fauna nas cidades, usando, por exemplo, as marginais ou as avenidas, devidamente arborizadas em conjunto com os parques, que contribuem com a movimentação, busca por alimento e migração das aves”.

A despeito dos programas de arborização urbana, Carvalho chama a atenção para a abordagem em conjunto com as empresas de eletricidade, que disputam o espaço aéreo com as árvores. “Normalmente as concessionárias precisariam de mais consciência com relação à arborização urbana, a trabalhar projetos de pesquisa de espécies adequadas, ou passar a usar fiação subterrânea.”

A conscientização das pessoas, acrescenta Guto, também é ponto importante. Pequenos canteiros e jardins atraem as aves e facilitam a reprodução de algumas delas. No Pomar Urbano, alunos de escolas e interessados em geral podem fazer visitas, pesquisar tipos de árvores e receber orientações dos especialistas.

Uma das espécies que estão se reproduzindo em São Paulo, por exemplo, é o papagaio-verdadeiro, ave natural de biomas como Cerrado e Pantanal. Segundo Guto, isso é fruto de escapes de cativeiros. Outras dignas de nota são as maritacas, cuja população tem crescido bastante na cidade. “Foram introduzidas como resultado de solturas e se estabeleceram no meio urbano, frequentando frutíferas, paineiras e diferentes árvores. São barulhentas e passam todo dia nos mesmos horários pelos céus da cidade”, diz.

Além disso, a cidade recebe costumeira visita do falcão-peregrino, um vagante predador que voa pelo mundo todo a procura de suas presas. Gosta de uma pombinha. O carcará é outra espécie comum, ave de rapina grande, com um bico laranja e com ponta da asa branca, o que facilita sua identificação.

No entanto, a destruição de Mata Atlântica e Cerrado no Estado provocou o desaparecimento de inúmeras espécies. O alerta é do professor da Unesp Edwin Willis, pesquisador e autor de um livro sobre as aves do Estado de São Paulo. “Pegamos literatura e os museus disponíveis, além da observação *in loco*, e construímos a publicação. É possível saber que **muitas espécies simplesmente sumiram com o crescimento da capital e outras começaram a se proliferar mais rápido que o normal**”, aponta. Willis agora estuda o comportamento das aves nas fronteiras das cidades, as rotas de fuga e reprodução das espécies.

Para melhor observação das aves em São Paulo, Guto Carvalho aconselha acordar cedo, período em que as aves estão mais ativas. “Quando o sol começa a esquentar, vão se escondendo”, explica. Quem não tem um parque na vizinhança pode observar aves atraindo-as para perto de casa. Fazer um jardim ou plantar uma árvore na calçada agradará pássaros e gente. **22**



## A batalha desleal entre um corvo e 150 pokémons

A falta de **contato das crianças com a natureza** pode comprometer futuros ambientalistas

Vivo recentemente um dos muitos dilemas da maternidade: proibir ou não a televisão para meu filho pequeno. Mas, ao liberar – em doses homeopáticas – seu acesso à TV, eu me deparei com uma situação peculiar. Tendo à sua disposição coelhos “fofinhos” pulando freneticamente para cima e para baixo no programa infantil *Bunnyworld*, ou podendo acompanhar o Mickey num mundo mais colorido que loja de tintas, meu filhote praticamente exige que a telinha esteja sempre ligada no canal *Animal Planet*.

É difícil acreditar que do alto de seus 2 anos de vida ele esteja tão interessado nos chimpanzés que vivem em cativeiro, ou no estômago invertido do bicho-preguiça, ou naquele inseto albino africano. Mas o fato é que o pequeno não desgruda os olhos desses bichos todos. Não sei se a TV é o ópio do povo,

mas, ao menos lá em casa, o *Animal Planet* dá barato.

Não é novidade o interesse provocado por imagens de natureza. Nossas primeiras palavras estão invariavelmente associadas a um animal, mesmo nos bebês urbanos – ou vai me dizer que au-au não está entre as dez primeiras palavras pronunciadas pelo seu filho? A fascinação – de grandes e pequenos – por animais e plantas tem até explicação científica: a **biofilia**.

Eu gosto de pensar que meu menino, efemeramente preservado de videogames, orkut e afins, tem um interesse adquirido de forma ancestral pelo ambiente natural. Mas essa “sina” hereditária por si só não garante que ele seja um conservacionista no futuro.

### Inato vs. construído

Uma das atividades marcantes da minha época de faculdade foi levar crianças pré-adolescentes ao Vale do Ribeira. Elas enlouqueciam ao entrar numa caverna, com lama e água até a cintura. Sempre pensei que aquela experiência dramática, de escuro e frio, de adrenalina e medo, dizia mais que mil palavras sobre a preservação das cavernas.

Pesquisadores da Universidade Cornell, nos Estados Unidos, investigaram 2 mil americanos para entender a relação entre experiências infantis na natureza e comportamentos ambientalistas dos futuros adultos. E descobriram que o envolvimento de determinada criança com a natureza

“selvagem” – por meio de caminhadas pelas florestas, *campings* e contato com animais – teve um efeito positivo e significativo em sua relação com o meio ambiente na vida adulta. Ou seja, é a sensibilidade “construída”

à base de experiências no mundo natural que poderiam influenciar para valer atitudes voltadas para a conservação.

Se as trajetórias pessoais moldam aquilo que um dia poderia nos ter sido “inato”, a industrialização e a urbanização, ao restringir nossas interações diretas com a natureza, podem desviar o caminho dos ambientalistas de amanhã.


**HIPERLINK:** Formulada pelo biólogo Edward Wilson, seria uma ligação emocional cravada em nossos genes e transmitida pela história evolucionária da nossa relação íntima e dependente com outros seres vivos. Para alguns, a afinidade incluiria também a natureza não-viva, como rios e montanhas.

Uma pesquisa feita pela entidade britânica National Trust revelou que as crianças de hoje passam tanto tempo trancadas em casa que o mundo natural se tornou algo estranho a elas. Um terço das crianças entre 10 e 12 anos que participaram da pesquisa não foi capaz de identificar um corvo, o pássaro mais comum da Grã-Bretanha. Metade não soube diferenciar uma abelha de uma vespa. Entretanto, nove entre dez crianças foram capazes de identificar o personagem Yoda, da série *Guerra nas Estrelas*.

Outra pesquisa, realizada pela Universidade de Cambridge e publicada na revista *Science*, investigou o conhecimento de crianças de 4 a 11 anos sobre plantas e mamíferos e “espécies” do desenho *Pokémon*. A identificação de espécies do mundo natural foi baixa e cresceu de 32% aos 4 anos para 53% aos 8 anos. Já a identificação de *Pokémons* – que incluía observar dez cartões randomicamente selecionados em uma base de 150 “espécies”! – disparou, de 7% em crianças de 4 anos para 78% nas de 8 anos.

**A pesquisa evidencia que crianças têm uma capacidade admirável de aprender sobre “criaturas”, naturais ou não. Mas, por terem poucas oportunidades de conhecer espécies reais, elas acabam desviando sua atenção para as virtuais, mais presentes em seu dia-a-dia.**

Se as crianças têm um gosto inato de estarem próximas da natureza, deveríamos envolvê-las mais em estratégias inovadoras de aprendizado. Ajudá-las a construir, valendo-se do inato, uma trajetória de envolvimento e respeito pelo mundo natural.

De minha parte, adoro o mestre Yoda e acho que, assim como os chimpanzés e os corvos, ele pode e deve fazer parte do universo do meu filho. Mas, enquanto não o levo às cavernas do Ribeira, não há mais dilema: vou lá ligar o *Animal Planet*. 



## Qual a sua contribuição para a nova economia global?

O que precisamos mudar para o surgimento de uma nova economia baseada no desenvolvimento sustentável?

Quais as características do modelo a ser adotado?

Quais ferramentas, parcerias interssetoriais, lideranças, comunicação e marketing precisariam ser construídos para torná-lo viável?

Venha debater conosco!



15 a 18 de junho  
Hotel Transamérica  
Av. das Nações Unidas, 18.591 - São Paulo, SP



Rumo a uma Nova Economia Global:  
A Transformação das Pessoas, das Empresas e da Sociedade

Inscreva-se já  
[www.ethos.org.br/cizoo9](http://www.ethos.org.br/cizoo9)  
e aproveite valores promocionais

Mais informações:

Telefone: 55 11 3514-9910  
e-mail: [conferencia@ethos.org.br](mailto:conferencia@ethos.org.br)



Patrocinadores



Parceiros



Realização

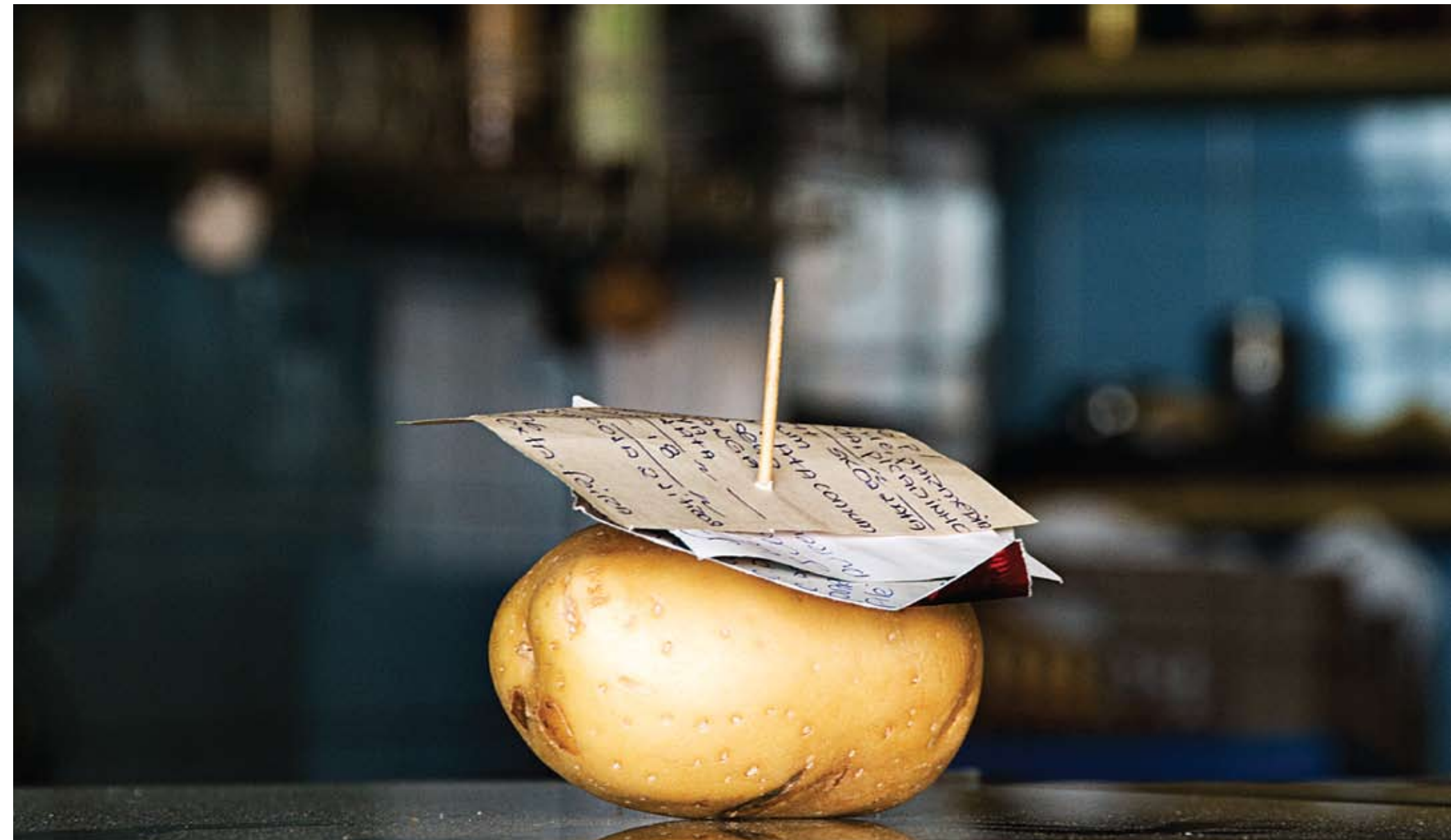






## Gambiarras nossas de cada dia

# FOTOS Cao Guimarães



**Resgatadas do esquecimento** a que estão fadadas, as gambiarras flagradas pelo artista plástico Cao Guimarães não são apenas a solução oferecida ante a escassez de recursos nem a negativa às soluções industriais, pré-fabricadas, massificadas, conformadas. Uso e criação se confundem. Nas fotografias, Cao trata do desejo de repaginar o cotidiano não como utopia, mas como a produção do atestado de que esta intervenção acontece, na prática, todos os dias, no planeta todo. Por meio de seus objetos, retrata subliminarmente rostos e mãos das pessoas, a sua identidade única e transformadora.











# A nova era do escambo

O excesso de bens e a falta do dinheiro convencional inauguram **relações econômicas** baseadas em solidariedade

POR Ana Cristina d'Angelo  
FOTOS Bruno Bernardi

A troca de serviços e produtos sem uso da moeda volta, de um jeito diferente, impulsionando uma mudança na lógica de consumo. Quando o dinheiro é usado, ganha outro nome, simbólico, que faz refletir sobre a circulação das coisas na sociedade e nem de longe vira o centro das acumulações. A nova era do escambo tem contornos variados, mas é uníssona na consciência de que não é sustentável manter tantos bens e preços no planeta. Uma dose de boa vontade também é recomendada.

O escambo dos **tempos medievais** já ganha feiras, no mundo virtual e real, sonhos de viajar pelo mundo sem pagar pernoite, de circulação de livros e de uma ideia saudável de fluidez que faz lembrar o filme *A Corrente do Bem*. Ali, o professor de Estudos Sociais Eugene Simonet faz um desafio a seus alunos: que eles criem algo que possa mudar

o mundo. O aluno Trevor McKinney, incentivado pela proposta, cria um novo jogo, chamado "Pay it Forward", em que cada favor recebido deve ser retribuído a três outras pessoas. Surpreendentemente, a ideia funciona, ajudando os envolvidos a encontrar outros sentidos para suas vidas.

No início dos anos 70, a professora de Brasília Lais Aderne chegava a Olhos d'Água, um pequeno povoado do interior de Goiás, distrito da cidade de Alexânia, a 110 quilômetros de Goiânia. Ali se encantou com a tecelagem, o trabalho com fibras, a cerâmica utilitária, as esculturas em madeira e o espinho da árvore mama-de-porca. Criou uma associação de artesãos e começou o trabalho de resgate dos fazeres culturais daquela comunidade.

Naquela época, apesar de estar próximos a duas capitais, os moradores de Olhos d'Água praticamente não compravam nada além do sal, que mandavam

**HIPERLINK:** o escambo era a base de troca das primeiras civilizações, e seu valor era medido pela escassez da mercadoria





buscar de carro de boi em Corumbá, município vizinho. Os demais bens de consumo eram trocados uns pelos outros. Se um produzia feijão e outro tinha abóbora, era feito o escambo. Se uma artesã tecia uma coberta ou um pano para calça, trocava por um saco de farinha. Assim, a comunidade atendia suas necessidades. Vendo isso, Lais idealizou uma feira que atraísse a atenção de um novo público e ampliasse o mercado de trocas dessa comunidade. Surgiu, então, em 1974, a primeira Feira de Trocas, unindo as duas práticas tradicionais naquela comunidade: o escambo e o artesanato. A feira, que ocorre duas vezes por ano, está na 70ª edição e vai homenagear a professora Lais, que morreu no ano passado. [1]

## TOME NOTA

1 Feira de Olhos d'Água: informações na Prefeitura Municipal de Alexânia (GO) [www.alexania.go.gov.br](http://www.alexania.go.gov.br)

Debaixo do Viaduto do Glicério, no Centro de São Paulo, muita gente se reúne uma vez por mês para trocar suas “mirucas” por produtos. Na Feira de Trocas Solidárias do Centro de São Paulo, a ordem é menos o desejo e mais a necessidade. [2]

## TOME NOTA

2 Feiradetrocasolidaria@yahoo.com.br (11) 3271-8718.

A moeda social miruca foi criada pelos próprios moradores da região, com apoio de estudantes da USP, de ONGs e da FGV. Como o escambo tem limites, a moeda serve para facilitar e potencializar a troca. Naquele espaço quase invisível para os carros que passam voando, lá no alto, em duas mãos, o dinheiro não tem qualquer valor cumulativo. Ele vai servir para um suco e pão com carne (M\$ 1), um sabonete orgânico (M\$ 2), uma sandália seminova (M\$ 5), um cafezinho (M\$ 0,50). A feira compra, em mirucas, as doações dos participantes. Livros em bom estado custam até M\$ 3, que podem ser gastas ali mesmo na feira.

As pessoas levam os objetos que não querem mais e podem ou trocá-los diretamente ou recorrer ao “banco” para obter moedas sociais. Lá, os organizadores estimam o “valor social” dos itens e os trocam pela moeda vigente. Do banco, os objetos vão para as barracas, e, assim,

as mercadorias giram. Por isso, mesmo com moeda, é uma feira de trocas.

O evento é animado com shows de artistas locais e incentiva barracas de pequenos artesãos. Cada morador de rua ganha M\$ 2 na entrada, mas, se levam óleo de cozinha para reciclagem, garantem mais algumas mirucas. “A lógica da feira é que o dinheiro convencional ‘custa caro’ e essas pessoas não têm acesso ao mercado dessa maneira. Então aqui criamos nossa política monetária, baseada em justiça social, numa perspectiva de solidariedade”, diz Felipe Bannitz, voluntário da organização.

Outro aspecto da feira paulistana é que ela serve de escola preparatória para iniciativas maiores. Os frequentadores são estimulados a produzir e fazer circular seus trabalhos através do incentivo que a feira dá. Felipe acha que o mundo inteiro está precisando de uma feira-escola como a do Glicério, porque a lógica do mercado financeiro se mostrou fracassada. “Na economia solidária todos cuidam da criação e circulação da moeda”, ensina. Se vai levar tempo ou é apenas uma utopia, de uma coisa ele já sabe. A miruca anda caindo no gosto da região e pode extrapolar os limites do viaduto, passando a ser usada no comércio do bairro. Outra moeda social – a Atitude – também deve entrar na roda das trocas. E o povo adora. Washington Garcia, cantor de hip-hop, cozinheiro e pintor, foi prestigiar os amigos que levaram o som da última feira. Apro-

## Feiras reais e na web estimulam a criação de moedas sociais e as simples doações

veitou para ajudar nas palmas a galera da capoeira e depois desembolsou suas mirucas em lanche e num colar para a mulher. Agitação cultural em troca de presente para a querida.

Feiras de troca com características semelhantes podem ser encontradas em outras capitais brasileiras. A ideia de montar uma na cidade de Salvador, por exemplo, teve inspiração na experiência da Argentina pós-crise de 2001. Os encontros mensais geralmente acontecem no Passeio Público de Salvador e as trocas são diretas, organizadas pelo coletivo “O Escambal”, que organiza o evento. Em Brasília, a “Feira Escambau” ([www.feiraescambau@gmail.com](http://www.feiraescambau@gmail.com)), promovida pela organização Trilha Mundos, não tem moeda social: as trocas são diretas. A última se deu em novembro passado na Universidade de Brasília.

A internet potencializou o escambo em inúmeros grupos e comunidades mundiais, estimulando o aproveitamento das mercadorias. O site brasileiro XCambo ([www.xcambo.com.br](http://www.xcambo.com.br)), por exemplo, exhibe mais de 30 categorias de produtos, de telefone celular a aquário, carrinho de bebê, capacete a revista em quadrinhos, jóias ou figurinhas para completar álbum. Depois de um cadastro simples, você pode começar a oferecer produtos e fazer propostas para o que estiver disponível. Os participantes atribuem estrelas verdes para trocas bem-sucedidas, uma espécie de guia para a imensidão de ofertas. E o site faz o ranking dos Top Xcambistas do mês com base nessas qualificações dadas pelos internautas. Reginaldo, que aparecia em primeiro lugar quando da pesquisa para a reportagem, tinha 159 estrelas verdes e sua última troca foi um carregador de celular por uma luminária de leitura.

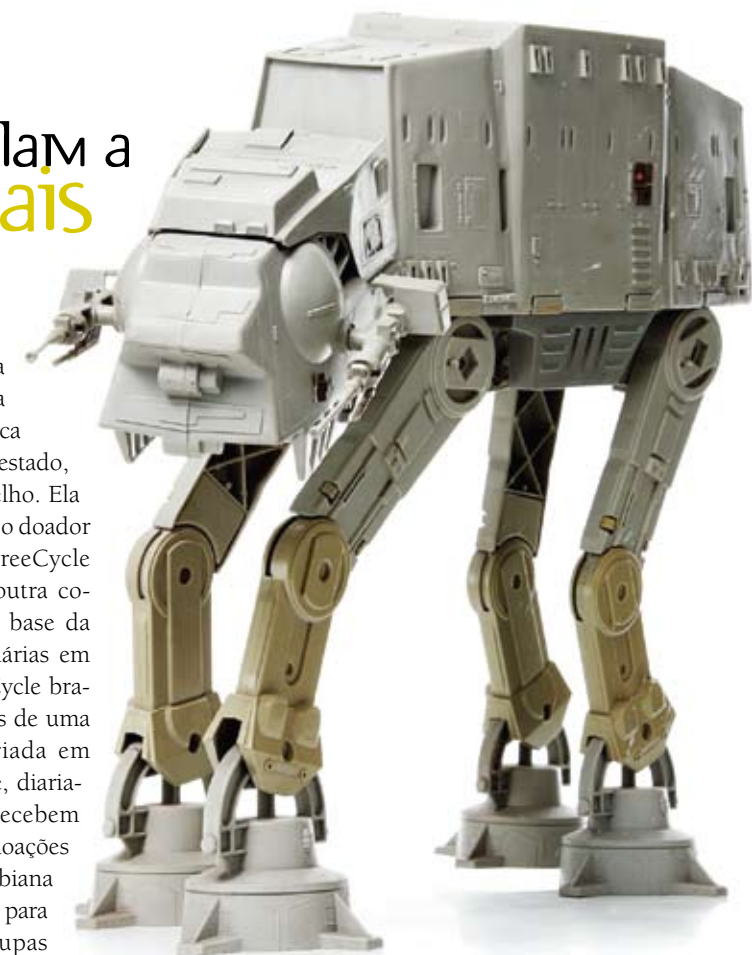
Fã do método, a artesã de jóias Fabiana Leite agora está em busca de um fogão em bom estado, pois o seu está bem velho. Ela acha que vai encontrar o doador no XCambo ou no FreeCycle ([www.freecycle.org](http://www.freecycle.org)), outra comunidade on-line na base da troca que tem subsidiárias em vários países. O FreeCycle brasileiro funciona através de uma lista de discussão criada em um grande provedor e, diariamente, os inscritos recebem dezenas de ofertas de doações diversas. Foi lá que Fabiana encontrou novos donos para seu criado-mudo, roupas de bebê, livros, um penico da Turma da Mônica, CDs e até um conjunto de sofás que, segundo ela, foi parar em Santa Catarina depois da tragédia das chuvas. “Eu preciso abrir espaço na minha casa, porque trabalho aqui. Se colocar na ponta do lápis, não compensa vender e a doação é legal, você sabe que assim evita mais consumo”, resume.

No FreeCycle, dinheiro não entra. Você doa sem olhar a quem. Mesmo assim, Fabiana achou estranho quando um receptor do seu criado-mudo estacionou um carrão na porta da sua casa para buscar o dito. “Ele insistiu tanto, falou que precisava muito, mas não

acreditei quando vi o carro, de repente não era pra ele”, especula. A coleta das mercadorias é feita na base da confiança. Vale deixar na portaria do prédio, dar uma olhada pelo portão antes de a pessoa chegar, mas ela garante que tudo funciona, porque o espírito do negócio é bom. O desapego anda tão grande, por esses lados da internet, que tem gente pedindo carro. Já apareceram várias buscas de carro – para trabalhar, para passear, aceitei carro encostado, velho e até com multa. Se o aparelho de celular já foi em um passado recente objeto para poucos abastados, não duvide que

### ➤ Dinheiro, um pedaço de papel

Na Idade Média, surgiu o costume de se guardarem os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata. Este, como garantia, entregava um recibo. Com o tempo, esses recibos passaram a ser utilizados para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão e dando origem à moeda de papel. No Brasil, os primeiros bilhetes de banco, precursores das cédulas atuais, foram lançados pelo Banco do Brasil, em 1810. Tinham seu valor preenchido a mão, tal como, hoje, fazemos com os cheques.







REPORTAGEM\_TROCAS

## Objetos pessoais ganham o mundo em viagens – literárias ou não

o carro – cuja reputação não anda das melhores – vire um bem de troca simples ou mesmo doação.

Fabiana acha que dá até pra fazer amizade no troca-troca on-line. “Converso muito com uma pessoa que já recebeu várias coisas minhas, ele está lá mais pra receber que pra doar, vive caçando”, diz.

Imagine agora um surfista de sofá. É a proposta, em tradução literal, da comunidade CouchSurfing ([www.couchsurfing.com](http://www.couchsurfing.com)). O site cadastra gente interessada em oferecer gratuitamente o sofá da sala para viajantes em mais de 200 países do mundo, o sonho de consumo de quem gosta de uma estrada. Em troca, mas não necessariamente, o viajante vai ter seu momento de anfitrião. O público do CouchSurfing é bem eclético, desde mochileiros experientes até os que nunca viajaram, mas querem hóspedes estrangeiros em casa como forma de conhecer novas culturas e idiomas.

O propósito da comunidade é oferecer hospitalidade. Então, mesmo que você não ofereça seu sofá, pode estar disponível para um café, uma balada, uma

companhia para o surfista da vez que vai querer programas que dificilmente agências de viagem podem proporcionar. Os usuários fazem questão de ressaltar de que não se trata de um site de encontros. Mas quem pode impedir uma cantada de um francês a uma jovem brasileira que surfou na sua sala por uma semana? O caso aconteceu, mas a brasileira, que prefere não se identificar, diz que a situação não foi das mais constrangedoras, apesar de deixar claro para o autor do galanteio que naquela praia ela não queria surfar. O CouchSurfing permite que os usuários construam suas identidades no site com foto do sofá, histórico, hábitos, interesses, família, localização da casa. Os mais desconfiados podem dar uma olhada nas referências dos perfis, mensagens são pistas se por ali tudo correu às mil maravilhas com outros hóspedes. As referências não podem ser apagadas.

Contudo, no mundo das trocas, o segredo é a confiança mútua.

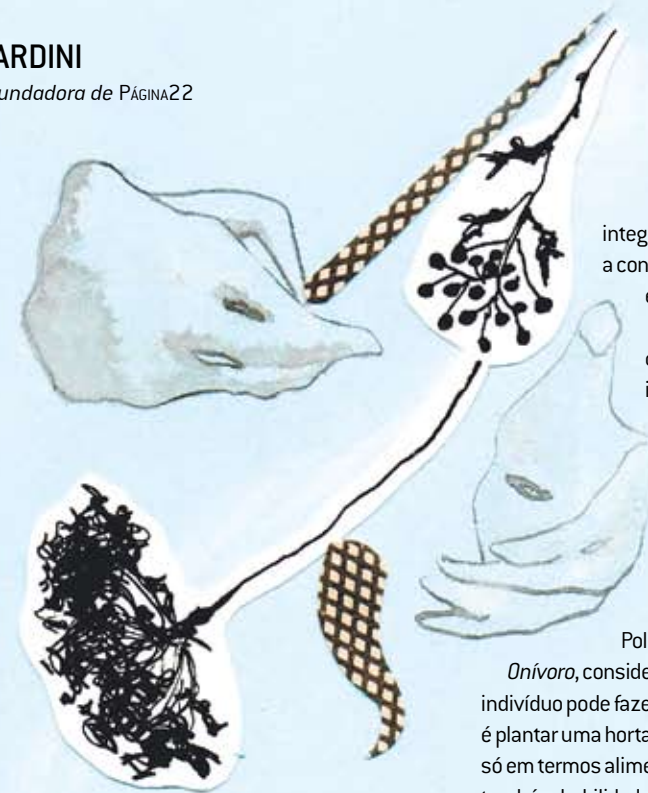
Confiança com pitada de curiosidade e gosto pelos livros é o tempero do Bookcrossing ([www.bookcrossing.com](http://www.bookcrossing.com)). Nesta comunidade internacional a ideia é fazer os livros circularem e, por que não, abrir espaço nas estantes. São mais de 700 mil usuários em 130 países. O divertido dessa viagem dos livros é que você simplesmente o deixa por aí, dentro de um orelhão, numa praça, num quarto de hotel ou numa cafeteria. E o novo leitor será sempre uma surpresa. Se ele entrar no site do Bookcrossing pode encontrar o doador, os dados sobre o livro liberado, fazer comentários sobre a experiência e colaborar para a próxima jornada da literatura, fazendo do mundo, como apregoa o site, uma grande biblioteca. Se ele apenas ler um novo livro, já valeu também. **zzz**

## Pense você mesmo

No movimento *handmade*, que vai na mão oposta ao consumismo, o interessante é poder produzir por si só, de roupas a legumes. E, assim, **reatar a conexão com o mundo real**

Foi no dia de Natal que percebi que alguma coisa talvez esteja mudando no templo mundial do consumo. O padre de uma paróquia de classe média de Birmingham, Alabama, em vez do tradicional sermão sobre o nascimento do Menino Jesus, tocou na ferida. Lembrou suas ovelhas do episódio ocorrido coisa de um mês antes, na Black Friday, a sexta-feira após o Dia de Ação de Graças, que abre a temporada de vendas de Natal nos EUA com barganhas irresistíveis nas lojas de departamentos. Pois no ano da graça de 2008, em meio à pior crise econômica em décadas, a morte marcou a Black Friday: um funcionário da Wal-Mart foi pisoteado pela massa humana ansiosa por adentrar a loja em Long Island e comprar. O padre exortou os fiéis a pensarem na sociedade que criamos e nos rumos que tomou. Na nave repleta, cabeças baixas.

A ponta de lança do processo que pode mudar o estado de coisas tem uma cara lúdica e divertida nas ruas da Ukrainian Village, bairro de Chicago que ainda abriga imigrantes do Leste Europeu, mas aos poucos dá espaço a uma vibrante cultura jovem. Lojas ao longo da Division Street – corredor comercial do bairro – dedicam-se a vender só objetos *handmade*, feitos por alguém como você e eu: peças de roupa e de cerâmica, brinquedos, bijuterias, quadros, móveis e o que mais vier. Na mesma avenida, ocorre anualmente a Renegade Craft Fair, um dos pontos de encontro do movimento *handmade* ou *do-it-yourself*, que se espalha



integra um movimento que chega a consumidores do mundo todo, em prol da responsabilidade e da consciência na hora de comprar. Mas o germe interessante que reside no movimento é o que propaga a ideia de que é possível fazer por si só, desde a roupa que se veste até os legumes do jantar.

O jornalista Michael Pollan, autor de *O Dilema do*

*Onívoro*, considera que a melhor coisa que o indivíduo pode fazer em prol da sustentabilidade é plantar uma horta. O resultado nutre não só em termos alimentícios, argumenta, mas também habilidades há muito esquecidas. A divisão do trabalho e a especialização decorrente dela permitem que tantos de nós vivamos longe da terra, mas também “tornam difíceis de ver as linhas de conexão – e responsabilidade – que ligam nossas ações diárias às consequências que elas têm no mundo real”, escreve Pollan. Ao produzir, além de consumir, reata-se a conexão.

O mesmo acontece com a tecnologia que, quando deixa de parecer “mágica” para o usuário comum – como funciona, por exemplo, o iPod? –, ganha o poder de transformar. Os editores da revista americana *Make*, por exemplo, dizem celebrar o direito do leitor de “distorcer, modificar e flexibilizar qualquer tecnologia” e ajudam-no a rebelar-se contra o papel de consumidor passivo. Usar abrir a caixa-preta da tecnologia é um passo importante para mudar a concepção de que as soluções para os dilemas do mundo contemporâneo serão encontradas na prateleira do supermercado. Os cerca de 2 milhões de americanos que “mexem” em seus carros nos fins de semana, por exemplo, são um grande laboratório para o carro elétrico, acredita Saul Griffith, do Massachusetts Institute of Technology e fundador do site *Instructables*.

Mesmo que as investidas dos mecânicos de fim de semana não deem à luz o carro elétrico, fazer algo com as suas mãos significa comprar menos e, provavelmente, resgatar o prazer de criar e construir. No meu quintal nasceu uma horta. Qual o seu projeto? **zzz**

apoiado na ideia de que **se não gostamos da cultura de consumismo em que estamos mergulhados, a saída é criar uma nova.**

Atrás das vitrines na Division St. e dos estandes da Renegade está a promessa de que o consumidor pode se transformar em produtor e fazer, com as próprias mãos, parte dos objetos que compra em grandes magazines. A noção atrai um bocado de gente para feiras, lojas e a internet. O site Etsy ([www.etsy.com](http://www.etsy.com)), lançado em 2005, intitula-se “o seu lugar para comprar e vender todas as coisas *handmade*” e informa ter movimentado US\$ 88 milhões em 2008. Para vender no Etsy é preciso abrir uma loja virtual, listar os itens – ao custo de 20 centavos de dólar cada um – e, ao vendê-los, pagar 3,5% para o site. Hoje são mais de 200 mil vendedores registrados, mas com certeza os compradores – com 3 milhões de itens à disposição – são mais numerosos, o que levanta críticas.

“Pode-se escapar do pecado do consumismo ao comprar *handmade*?”, questionou Jean Railla, fundadora do site **Getcrafty**.

A questão – comprar é sempre comprar, feito à mão ou não – é debatida calorosamente na *web*. Uma representante do Etsy, em resposta à provocação de Jean Railla, disse: “As pessoas estão começando a prestar atenção na origem das coisas que compram, como elas são feitas, e nós somos parte disso”. De certa forma, o *handmade*

**HIPERLINK:** O [getcrafty.com](http://getcrafty.com) é considerado um dos primeiros a espalhar a onda *handmade* na internet.





Descortinando

ente

POR Ana Cristina d'Angelo # FOTOS Bruno Bernardi

Indivíduos que trabalham para o coletivo tecem uma **troca invisível e intensa** na aparente homogeneidade urbana



**S**er invisível em uma cidade grande é fácil. Raro é ver os que usam sua força individual e discreta para o coletivo. Na teoria, todos estamos trabalhando para todos, mas há alguns ofícios e ideias, tão fundamentais quanto imperceptíveis e belos, que valem a pena ser revelados. O funcionamento de qualquer metrópole mundial – desde o transporte público ao bem-estar geral – congrega um grupo heterogêneo e curioso. Gente que se dedica ao todo em surdina e, nesse processo, sustenta e areja a vida.

Augusto César Sampaio Fiorelli cuida do Big Ben brasileiro. O relógio do Mosteiro de São Bento é referência para milhares de pessoas que passam pelo Centro da cidade e é considerado o mais preciso de São Paulo. A cada semana, Fiorelli gira a manivela que faz o São Bento funcionar, lubrifica engrenagens, ajusta a hora que define chegada e saída do trabalho, feitura de um almoço, assar de um bolo, menino saindo da escola. É um invisível senhor do tempo.

Sob sua responsabilidade estão outros onze relógios de torres. Como cada um tem seu tempo certo de dar corda, o relojoeiro não pode ficar longe de São Paulo mais que quatro dias. E não se importa. Augusto é um apaixonado pelo ofício que herdou do avô, já falecido, que dedicou a vida a acertar os ponteiros de São Paulo.

“Esses relógios são todos importantes. O da Faculdade de

## Discreto senhor do tempo, Augusto ajusta o relógio que define a chegada ao trabalho, o assar de um bolo, menino saindo da escola

Direito do Largo São Francisco, da Praça da Sé, do Palácio das Indústrias. Passam milhares de pessoas na frente do relógio. Se a pessoa olha pra cima e vê o relógio parado, não tem nenhuma utilidade pública”, diz o relojoeiro, em depoimento colhido pelo Museu da Pessoa.

Apesar de manter a relojoaria e a manutenção dos grandes relógios, Augusto tem consciência de que, aos poucos, seu ofício pode desaparecer. “Essa profissão está em extinção. Eu não sei. Pode ser que continue o relógio de torre. Agora esses relógios de parede, de pulso, de bolso... Esses praticamente estão sendo eliminados. A maioria é tudo digital. E o pessoal que tem idade vai acabando também. Aí perde aquela tradição de usar relógio. E os novos não fazem questão. A maioria não tem relógio no pulso, a maioria não quer aquele relógio de pedestal na casa... Vamos ver se daqui a dez anos, quinze anos, a coisa vai continuar. Não é uma certeza. Não é uma garantia.”

Até lá, Augusto mantém sua rotina, sobe escadas sinuosas para acertar os ponteiros e sabe os problemas e vantagens de cada engenhoca. Os dias de mais trabalho são a mudança para o horário de verão. “Daí é um corre-corre, mas eu tenho tudo na cabeça, não anoto nada.”

No Centro do Rio de Janeiro, Manuela Dias tira do anonimato por alguns minutos quem estiver disposto a (re)contar sua história. Paga R\$ 1 em troca. A roteirista está em busca dos relatos de vida de quem passa no Largo da Carioca para um livro e um **filme**. Conduz uma rotina quase silenciosa, não fosse o cartaz “Conte Sua História e Ganhe um Real”, que empunha nessas empreitadas. Entre risos e curiosidade, aos poucos ela vai agregando interessados. “As pessoas param porque falar dá uma aliviada, ou então porque assim revivem a história. Uma coisa que me chama a atenção é que a gente é sempre protagonista na nossa vida. Mesmo quando é figurante no todo, ninguém se vê como anônimo”, analisa.

Manuela não faz muitas perguntas, deixa seu convidado à vontade para falar ao gravador e não faz imagens. “Vejo meu trabalho como uma pescaria, são as pessoas que param e chegam.” O resultado final para as “cobaia”, na voz da roteirista, é uma

satisfação pelo feito, por ter passado pela experiência. “Eu dei um depoimento sobre a minha vida, sabe?” Ainda que a narrativa seja um bom exemplo de ficção com seus filtros do momento e da memória, quem passa por ali sai feliz.

A roteirista volta para casa com a sensação de que as pessoas são inteligentes e profundas. “Está todo mundo no mesmo barco. Todos temos dificuldades e estamos batalhando.” Dos cerca de 300 depoimentos que colheu em dois anos, ela só tem certeza de que a frase mais ouvida é: “Minha história é muito longa e muito triste”. Mesmo que o incauto já cuide de editar a oratória como acha que interessa, a vida sempre passa pelo drama. **Da massa aplainada da paisagem urbana, as pessoas ganham novos volumes e diferenças nessa quebra momentânea de anonimato.**

Ela pretende chegar aos mil casos de histórias humanas e vai usar os depoimentos inteiros de alguns selecionados. “No filme vão entrar os sons das narrativas.”

### Nem melhor nem pior, apenas disponível

Parece incrível, mas os dramas de cada um também encontram ouvidos pacientes em outros lugares. Uma vez por semana, durante quatro horas e meia, Elaine fica à disposição para escutar o outro angustiado. Ela trabalha como voluntária há treze anos e meio no Centro de Valorização da Vida – CVV. Atende por telefone, carta, e-mail e, dependendo da necessidade, pessoalmente, em uma instituição que pretende a prevenção do suicídio.

O trabalho é anônimo e, para ela, fascinante. “Tenho a oportunidade de estar em contato com o que as pessoas têm de mais sagrado, as suas experiências.” No processo, conta que se vê e revê todo o tempo e que, por isso, o trabalho se transforma em uma proposta de vida.

“Nossas vidas estão conectadas, você influencia e é influenciado. Você não é superior àquele que está frágil, você apenas está disponível para ajudar naquela hora.”

O trabalho não é científico nem religioso, apenas acredita na pessoa como centro do mundo e na capacidade de cada um para encontrar suas respostas. Então, quem liga, explica a voluntária, não é “o suicida”, mas quem está só e precisa conversar, quem está feliz com uma conquista e quer compartilhar, quem está em dúvida e também quem está desesperado.

Sua parte é estar disponível, facilitar o diálogo interno daquela pessoa. “Muitas vezes alguém começa a falar, você não dá conselho nenhum e, no final, ele agradece pelos conselhos que você não deu.” Para chegar a esta “compreensão empática” – que pode ser traduzido como se colocar no lugar do outro – Elaine e qualquer voluntário do CVV passaram por um treinamento de 12 semanas. Um dos exercícios primordiais, relata ela, é separar sua vida da do outro para que você esteja atento quando uma história começa a interferir na outra. Os voluntários se reúnem uma vez por mês para uma troca de ideias, apoio mútuo e encorajamento para o trabalho.

“Quando você recebe essa proposta de vida, começa a enxergar coisas que estão implícitas, invisíveis, a perceber o que está nas



entrelinhas. Temos uma sociedade de surdos, todo mundo falando e ninguém ouvindo.” O que atraiu Elaine ao CVV foi a diretriz da instituição de que um dia não precisará existir porque a sociedade será capaz de se organizar e viver de maneira mais fraterna.

Enquanto isso, Cláudia dos Santos Nascimento trata de dar um alento a quem está sendo punido. Ela conduz rodas de leitura para os detentos de duas penitenciárias do complexo de Franco da Rocha, na Grande São Paulo. As unidades têm salas de leitura com 6 mil títulos, mas do que adianta se ninguém lê? Cabe a ela tramar jeitos de atrair aquelas pessoas tão machucadas e revoltadas com tudo. Daí vale montar cenário para a leitura de *As Mil e Uma Noites*, interpretar contos, chamar a atenção de quem perdeu identidade, família, liberdade. Quando há rodas de leitura, o empréstimo dos livros cresce e, com isso, talvez a única possibilidade de aquela pessoa viajar para fora dos muros e sonhar de novo.

Uma das táticas bem-sucedidas das rodas é a leitura das histórias pelos próprios detentos. Os iguais se reconhecem e o interesse aumenta. “Daí você percebe aquele super calado se manifestar, o disperso interagir”, conta. Dos cerca de 1.500 presos, a grande maioria tem entre 18 e 30 anos e Cláudia reconhece que há estímulos mais rápidos na conquista que o embarque na literatura. “Procuro selecionar títulos que têm a ver com a história deles.” Há ainda o empenho dos monitores detentos, já abduzidos pelos livros, que trabalham para atrair os outros.

“Através de uma coisa aparentemente simples, que é a roda de leitura, você consegue chegar mais perto da educação, que é no que acredito.” **zz**



**HIPERLINK:** o livro ainda não tem nome, o filme deve se chamar *Transeuntes*, em parceria com Eryk Rocha



## Paraísos artificiais

O interesse do oligopólio do petróleo em desenvolver fontes alternativas de energia estaria apenas em **ganhar uma segunda vida**, sem levar em conta as questões sociais

O primeiro hotel submarino no mundo, uma pista para esqui no deserto, ilhas artificiais para residências de veraneio e marinas dos milionários dos Emirados Árabes Unidos, no Golfo Pérsico, em Dubai. E agora, em Abu Dhabi, Masdar: planejada pelo conhecido arquiteto britânico Norman Foster, a primeira cidade no mundo, com uma população inicial de 40 mil habitantes, que não emitirá carbono nem produzirá lixo, funcionando unicamente com energias renováveis e entrada de carros proibida.

Os seus idealizadores preveem que ali serão instaladas até 1.500 empresas de alta tecnologia, com especial destaque para as energias renováveis. Para tanto, poderão contar com a ausência total de impostos e de tarifas alfandegárias, com a possibilidade de funcionar com capital 100% estrangeiro, eficiente proteção da propriedade intelectual e excelentes conexões de transporte com o mundo afora.

Masdar abrigará ainda um centro de pesquisas desenvolvido em cooperação com o Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos EUA, e laboratórios afiliados ao Imperial College, de Londres, e ao Instituto de Pesquisa e Tecnologia de Tokyo.

Desta maneira, Abu Dhabi ambiciona posicionar-se como um líder global nas novas

tecnologias sustentáveis de produção de energia, um verdadeiro Silicon Valley de fontes renováveis. Um mercado fantástico, já que, segundo um representante do Deutsche Bank, os investimentos em energias alternativas poderão totalizar US\$ 45 trilhões até meados do século. É um longo caminho a percorrer, a começar pela necessidade de reduzir o próprio desperdício de energia. Neste momento, os Emirados Árabes Unidos são campeões absolutos em consumo de energia *per capita* no mundo.

Para comemorar o evento, foi organizada em janeiro último uma cúpula mundial de energia futura, com a participação de 2.634 delegados, entre os quais eminentes políticos ocidentais, como Tony Blair, executivos das grandes companhias petrolíferas, pesquisadores e banqueiros.

Os demais países do Golfo não querem ficar para trás. A recém-criada Universidade de Ciências e Tecnologia (Kaust), da Arábia Saudita, financia regamente pesquisas sobre energias renováveis nas universidades de Stanford, Caltech, Cambridge, Cornell, Imperial College, Sapienza, Oxford e Utrecht. Em Berkeley, alguns professores recusaram a oferta, alegando o desempenho pífio da Arábia Saudita em matéria de direitos humanos. Por sua vez, o Catar acaba de colocar US\$ 230 milhões em um fundo britânico de tecnologias de baixo conteúdo de carbono [1].

### TOME NOTA

1 Leia mais no artigo "Green future for the heartland of oil", de Elisabeth Rosenthal, publicado no International Herald Tribune, 10-11/01/2009

Não resta dúvida de que os países daquela parte do mundo têm todo o interesse em aproveitar os seus enormes recursos financeiros, proporcionados pela exploração do petróleo, para preparar o pós-petróleo. A começar pela utilização da energia solar para dessalinizar a água de mar e instalar estufas no deserto para a produção de diversas biomassas. Vinod Khosla, uma das personalidades eminentes do Silicon Valley californiano presente na reunião de Abu Dhabi, observou, com razão, que os países do Golfo estão mais bem preparados que a Alemanha para aproveitar a energia solar.

### Tecnologia para quem?

Embora devamos nos dar por felizes que esses recursos não estejam sendo destinados à produção de armas atômicas ou biológicas, confesso que todas essas informações me deixam perplexo, pela maneira como **a aposta sobre as novas tecnologias está dissociada de qualquer reflexão sobre os modelos sociais dentro dos quais elas serão aplicadas**. Tanto mais que os países do Golfo não representam deste ponto de vista uma referência positiva.

O que me preocupa, ainda, é a tentativa dos países do Golfo e também das grandes empresas petrolíferas em assumir o controle da produção das tecnologias alternativas às energias fósseis. Tudo leva a pensar que por trás dessa estratégia está a ideia de que o oligopólio de produtores de petróleo poderá, assim, ganhar uma segunda vida.

É difícil considerar os produtores de petróleo do Golfo como fazendo parte da comunidade dos países em desenvolvimento. Lembremo-nos da triste lição da crise energética dos anos 1970, quando os petrodólares reforçaram o caixa dos principais bancos ocidentais, em vez de contribuir à emancipação do Terceiro Mundo.

É também difícil ver na reunião de Abu Dhabi uma iniciativa favorável a essa emancipação. Os países tropicais chamados a liderar a transição para as bioenergias e biocivilizações do futuro, baseadas no uso múltiplo das biomassas produzidas conforme os preceitos de desenvolvimento socialmente incluyente e ambientalmente sustentável, devem com urgência criar um fórum próprio de debate mundial sobre tais assuntos. Quem mais bem colocado para fazê-lo do que o Brasil? **zzz**

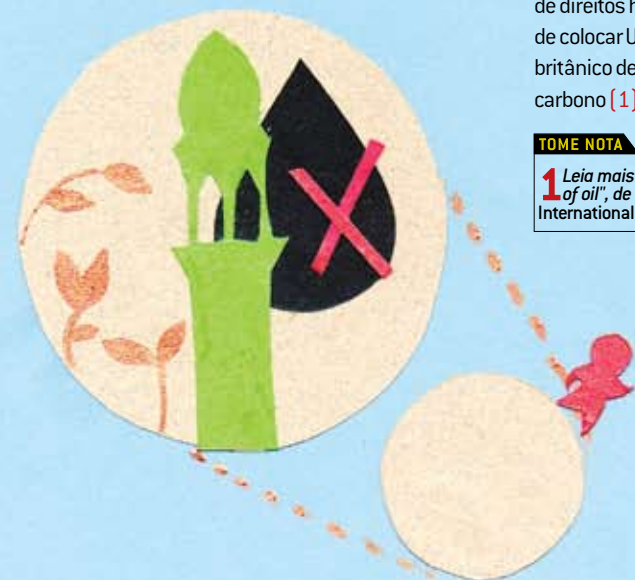
Mostre que você é uma pessoa iluminada, apague as lâmpadas da sua sala pelo planeta.

Chegou a hora do Brasil se posicionar contra o aquecimento global, chegou a Hora do Planeta.

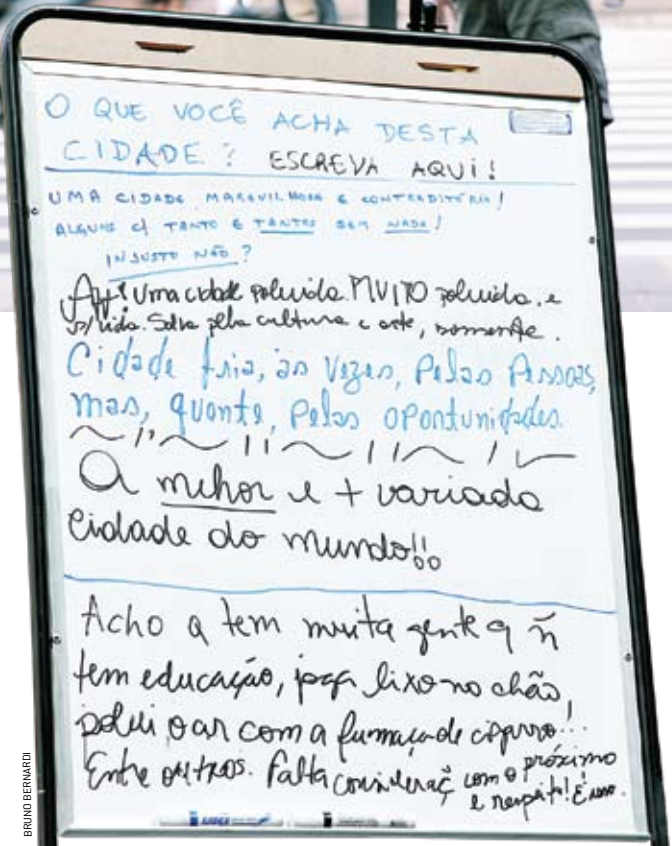
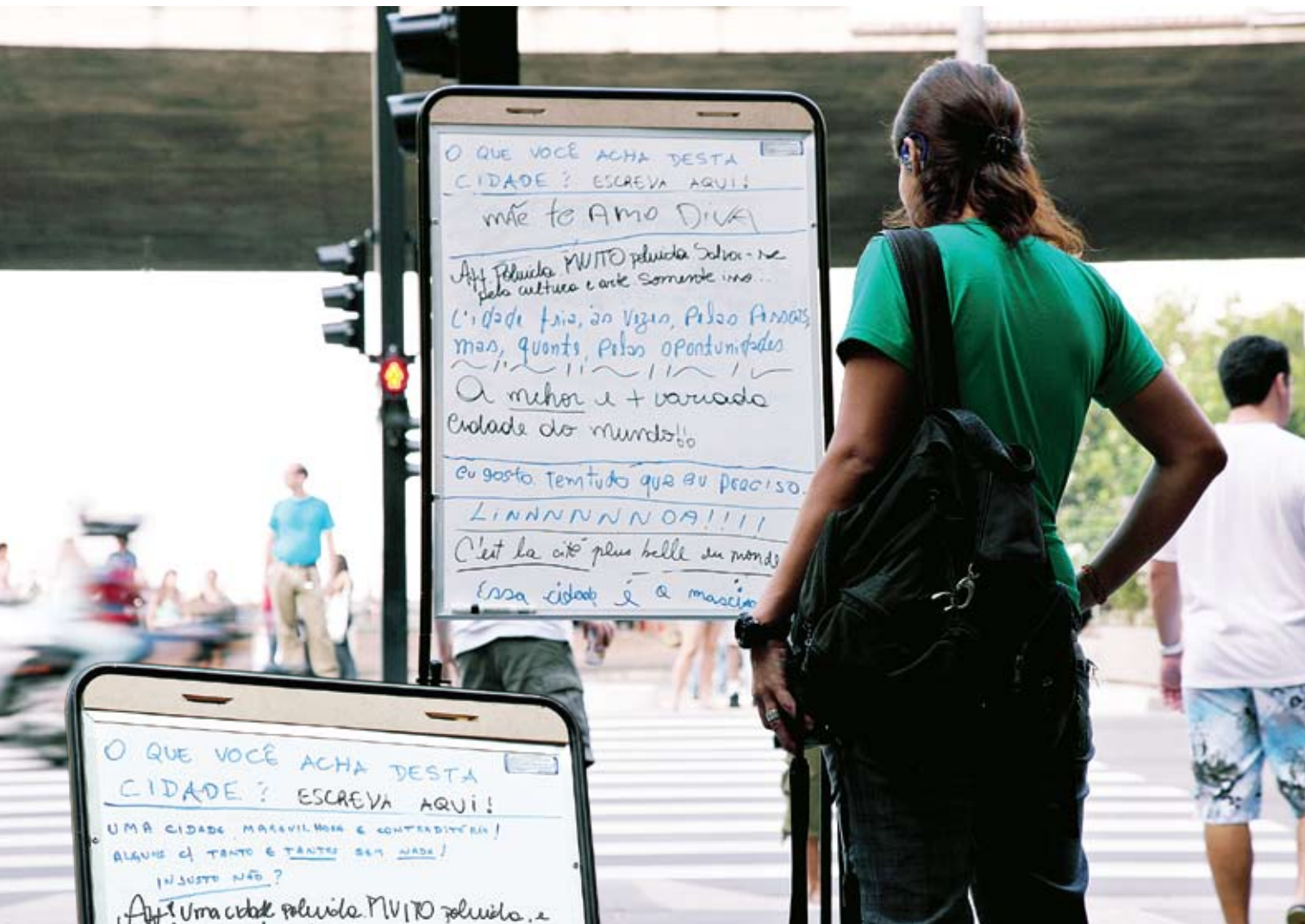
No dia 28 de março participe desse ato simbólico apagando as lâmpadas da sua sala às 20h30 por 60 minutos. Acesse [www.wwf.org.br](http://www.wwf.org.br) e cadastre-se.

60  
HORA DO  
PLANETA

Ana Hickmann aderiu à Hora do Planeta. Foto: Marcio Scavone.







## Quem é a cidade

**P**rovocadas por uma pergunta – “O que você acha desta cidade?” –, pessoas que andavam pela Avenida Paulista, em São Paulo, sintetizaram em um pequeno quadro o grande dilema da vida nas metrópoles. Lugar que oferece de tudo, até oportunidade. Mas se do lado econômico e cultural é tão pródiga e diversa, expõe as faces da injustiça social, do ambiente poluído, do pouco respeito ao próximo. Também há quem sinta uma certa frieza nas pessoas. Outras não a percebem assim. Um rapaz que passava acompanhado da mãe, quis escrever “Mãe te amo”. Meio sem jeito, ela comentou que essa não era a pergunta. Mas ele respondeu que mãe também é cidade e vice-versa. Lugar que habitamos e que mora em nós. [L22](#)



BUSINESS AS AN AGENT OF WORLD BENEFIT  
MANAGEMENT KNOWLEDGE  
LEADING POSITIVE CHANGE



**GLOBAL FORUM**  
AMÉRICA LATINA

## CALL FOR PAPERS

II Congresso Acadêmico do BAWB-Global Forum América Latina

**EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE** – 04 a 06 de novembro – Curitiba/PR

Nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 2009 acontecerá em Curitiba a terceira edição do Global Fórum, evento que reunirá empresários, acadêmicos, estudantes, ativistas e representantes governamentais para pensar a educação voltada a novas formas de se fazer negócio. A conjugação entre lucro e respostas às demandas socioambientais do século XXI é o fio condutor das discussões que acontecerá por meio de 16 áreas temáticas.

O Global Fórum é um movimento espontâneo de organização da sociedade na busca de ações inovadoras para uma sociedade sustentável. Foi concebido no ano 2000, a partir do Global Compact, iniciativa da ONU que reúne empresas e instituições de ensino pela sustentabilidade.

Prazo final para envio dos trabalhos:  
**17 de abril de 2009**  
exclusivamente pelo site  
[www.congresso.globalforum.com.br](http://www.congresso.globalforum.com.br)  
**PARTICIPE!**

### ÁREAS TEMÁTICAS

O Call for Papers apresenta 16 Áreas Temáticas:

- 1) Empreendedorismo e Tecnologias Sociais
- 2) Gestão do Relacionamento das empresas com seus Diversos Públicos
- 3) Base da Pirâmide Social
- 4) Aprendizagem e Transformação Organizacional
- 5) Abordagens Sistêmicas
- 6) Design para Sustentabilidade
- 7) Governança Corporativa
- 8) Finanças Sustentáveis
- 9) Contabilidade Social e Ambiental
- 10) Ética nos Negócios
- 11) Estratégias Preventivas: Eco-eficiência e Produção Mais Limpa
- 12) Gestão de Recursos Naturais
- 13) Tecnologias Limpas
- 14) Mudanças Climáticas
- 15) Políticas Públicas e Sustentabilidade
- 16) Comunicação, Marketing e Consumo

### INFORMAÇÕES

■ Informação completa sobre o Call for Papers

[www.congresso.globalforum.com.br](http://www.congresso.globalforum.com.br)

■ Informações sobre o envio de artigos científicos/relatos

Tel.: 55 11 3281-7917  
e-mail: [globalforum@fgv.br](mailto:globalforum@fgv.br)

■ Informação sobre o BAWB-Global Fórum América Latina

[www.globalforum.com.br](http://www.globalforum.com.br)

Iniciativa:



Realização:



Patrocínio:





# Foi fazendo a sociedade ganhar que eles ganharam o Prêmio Itaú de Finanças Sustentáveis.

O Itaú agradece a todos os inscritos e parabeniza os 4 vencedores que, através de seus trabalhos acadêmicos e jornalísticos, estimulam o desenvolvimento de novas ações ligadas a finanças sustentáveis. Os grandes vencedores de cada categoria, além do prêmio em dinheiro, ganharam uma viagem a Londres para participar de vários eventos relacionados ao tema.

## **Categoria Trabalhos Acadêmicos**

### **Modalidade Mestrado**

- Daniel Wajnberg (grande vencedor)  
Instituto Coppead de Administração  
Rio de Janeiro - RJ

### **Modalidade Pós-Graduação Lato Sensu**

- Tiago Schneider de Jesus  
Universidade Regional do Noroeste  
do Estado do Rio Grande do Sul  
Augusto Pestana - RS

## **Categoria Trabalhos Jornalísticos**

### **Modalidade Jornal**

- Juliana Rangel (grande vencedora)  
Jornal O Globo  
Rio de Janeiro - RJ

### **Modalidade Revista**

- Flávia Pardini  
Revista Página 22  
São Paulo - SP

Prêmio Itaú de Finanças Sustentáveis. Mais que um prêmio, um compromisso do Itaú com a sustentabilidade. Para saber mais acesse [www.itaufinancassustentaveis.com.br](http://www.itaufinancassustentaveis.com.br)

